

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA
FILHO” - INSTITUTO DE ARTE - UNESP**

Gilvânia Santos Silva

**Entre a cozinha e a sala de aula: caminhos possíveis para um
ensino antirracista da arte na escola pública**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação / Mestrado Acadêmico em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes.

Área de Concentração: Arte/Educação

Linha de Pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.

Orientadora: Rita Luciana Berti Bredariolli

São Paulo, 2023.

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

S586e Silva, Gilvânia Santos, 1987-

Entre a cozinha e a sala de aula : caminhos possíveis para um ensino
antirracista da arte na escola pública / Gilvânia Santos Silva. -- São Paulo,
2023.
110 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli.
Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Antirracismo. 2. Racismo na educação. 3. Arte - Estudo e ensino. 4.
Professoras negras - Narrativas pessoais. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. II. Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

Gilvânia Santos Silva

Entre a cozinha e a sala de aula: caminhos possíveis para um ensino antirracista da arte na escola pública

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação / Mestrado Acadêmico em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes.

Dissertação Aprovada em: ____/____/____

Banca examinadora

Orientadora - Prof.Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

(Instituto de Artes - UNESP)

Prof. Dra. Rejane Galvão Coutinho

(Instituto de Artes-UNESP)

Prof. Dra. Deise Santos de Brito

(Pesquisadora independente)

Suplentes

Prof. Dra. Auana Lameiras Diniz (GPHIMAE)

Prof. Dra. Priscila Leonel de Medeiros Pereira (FAAC/UNESP)

Figura 1 – Tacho de fazer farinha no Quilombo de Siqueira, 2022.



Fonte: Maria do Carmo (2022)

Para Odara, minha luz!

Honro, Agradeço e Celebro!

Honro, agradeço e celebro a força da minha mãe Maria do Carmo, mulher quilombola que com suas palavras e vida me inspira e fortalece. Honro, agradeço e celebro a força do meu pai Arnóbio Ferreira que me motiva e orgulha.

Agradeço a toda força espiritual. Honro e agradeço todas as minhas e meus ancestrais. Agradeço a força das mulheres da minha família, que com suas presenças me inspiram e me motivam. Agradeço a minha filha Odara, que com sua chegada ressignificou a minha vida me trazendo amor e esperança. E ao meu companheiro Nitiren, parceiro de sonhos e vida.

Agradeço e celebro a minha irmã Gil Santos e meu irmão Gilmar Santos que ao longo desse processo me acolheram em suas casas para que eu pudesse ter momentos de escrita sem interrupções. Todo meu amor e respeito por vocês.

Quero agradecer todas as pessoas que estiveram comigo de alguma forma ao longo da vida e nesse processo de escrita, que é solitária, mas também coletiva, pois não escrevo apenas por mim. Agradeço ao Núcleo Vênus Negra e a Escola de Curimba e Arte Umbandista Aldeia de Caboclos.

Agradeço ao grupo de pesquisa GPIHMAE (Grupo de Pesquisa em Imagem, História, Mediação e Arte Educação) da UNESP que a cada encontro, a cada partilha era um mar que eu mergulhava. Agradeço a Lucas Oliveira pela escuta e as trocas de mensagens acolhedoras. Agradeço ao grupo de estudos Egungun que me fortaleceu quando nem eu mais acreditava na minha força. Celebro e agradeço o encontro com Janaína e Raquel, onde juntas formamos o “Trio Elétrico”. A força dessas mães-pesquisadoras é alimento, é energia. Desse trio nasceu o artigo “Pode uma mulher negra existir? Histórias para gente disposta” publicado na Revista Apoteke.

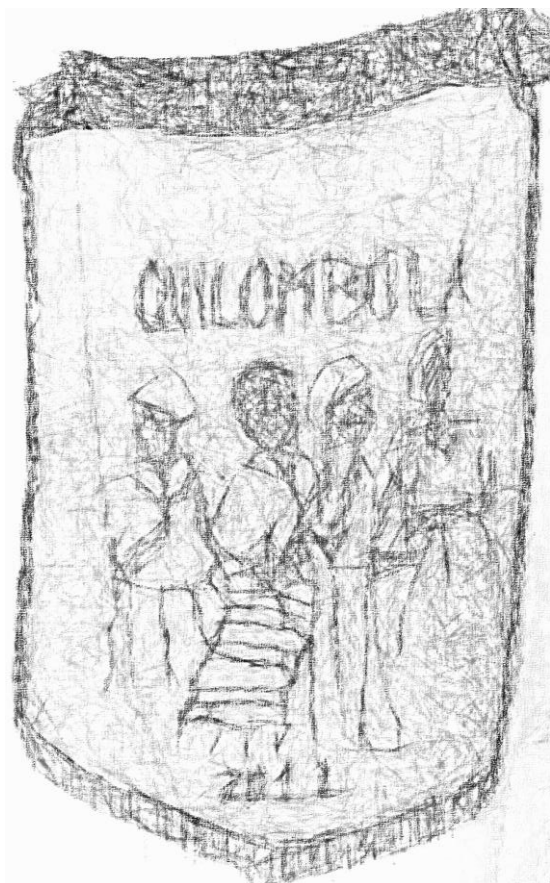


Fig.3

Agradeço a Priscila Machado, pelas mãos dadas no momento de conclusão dessa escrita, sua amizade e seu compromisso com tudo que se dispõe a fazer me inspiram. Agradeço ao Rodrigo Maia, parceiro de trabalho e amigo. Agradeço a Cristina Duarte e ao nosso reencontro que tinha que acontecer nesse momento de nossas vidas. Agradeço a Luciana Bobadilha pela disposição e escuta atenta.

Honro e agradeço ao Bábálorixá Tatto de Òsóòsì e ao Ilé Omi Oya Àse Ògún Òmémén por me receber e me acolher durante o processo da pesquisa. Lembrarei sempre dos seus ensinamentos e de suas palavras de coragem. O reencontro comigo tem sido fundamental.

A minha orientadora Rita Luciana Berti Bredariolli por toda acolhida e mãos dadas nessa caminhada. Agradeço a banca examinadora por todo cuidado e atenção desde o primeiro contato, Deise Santos de Brito, Rejane Galvão Coutinho, Auana Diniz e Priscila Leonel.

Gratidão imensa a todas as pessoas envolvidas com o trabalho da Revista Empoderar, especialmente as alunas, alunos e alunes que me inspiram e me fazem acreditar em uma educação antirracista e democrática da arte na escola pública. Agradeço as minhas parceiras e parceiros de docência, foi com vocês que eu aprendi a coordenar. Agradeço, honro e celebro todas, todos e todes da Escola Estadual Professor Newton Espírito Santo Ayres. Honro e celebro a Educação Pública.

RESUMO

Este trabalho é sobre o ensino antirracista da arte na escola pública. Nele articulam-se as narrativas de experiências vividas na cozinha de casa, na sala de aula e na gestão escolar a partir da concepção de *lugar-afeto*, referindo-se assim ao espaço de aprendizagem criado em torno da mobilização dos afetos; e as reflexões de Nilma Lino Gomes e bell hooks sobre educação antirracista. Partindo de uma perspectiva autobiográfica, inspirada no conceito de *escrevivência*, de Conceição Evaristo, busco apresentar possíveis caminhos para a efetivação do ensino antirracista da arte através dos princípios DESLOCAR, ATERRAR e PERTENCER. Proponho a reflexão sobre como nossas experiências constroem o *lugar-afeto* que pode ser o local de produção de aprendizagens antirracistas.

Palavras-chave: ensino de arte; educação antirracista; escola pública; professora negra.

RESUMEN

Este trabajo trata sobre la enseñanza antirracista del arte en las escuelas públicas. En él se articulan narrativas de experiencias vividas en la cocina del hogar, en el clases y en la gestión escolar desde la concepción de *lugar-afecto*, refiriéndose así al espacio de aprendizaje creado alrededor de la movilización de los afectos; y las reflexiones de Nilma Lino Gomes y bell hooks sobre la educación antirracista. Partiendo de una perspectiva autobiográfica, inspirada en el concepto de *escrevivência*, de Conceição Evaristo, busco presentar caminos posibles para la realización de la enseñanza antirracista del arte a través de los principios de DESPLAZAR, ATERRAR y PERTENECER. Propongo reflexionar sobre cómo nuestras experiencias construyen el lugar afectivo que puede ser el lugar de producción de aprendizajes antirracistas.

Palabras clave: enseñanza del arte; educación antirracista; escuela pública; profesor negro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem digital de arquivo pessoal do tacho de fazer farinha no Quilombo de Siqueira feita por minha mãe Maria, 2022.

Figura 2 – Imagem editada do estandarte exposto na sede da Associação Quilombola de Siqueira, registro feito por mim em 2023.

Figura 3 – Imagem editada do estandarte exposto na sede da Associação Quilombola de Siqueira, registro feito por mim em 2023.

Figura 4 - Imagem digital de arquivo pessoal, onde estou raspando coco na casa da minha mãe e do meu pai em Pernambuco, para fazer cuscuz, imagem feita pela minha irmã Gil Santos em janeiro de 2023 no quintal da casa.

Figura 5 - Imagem digital de arquivo pessoal mão da minha mãe Maria misturando a massa de milho para preparar o cuscuz. Imagem do meu arquivo pessoal, feita por mim em janeiro de 2023.

Figura 6 - Imagem digital de arquivo pessoal, feita por minha mãe Maria na entrada para a Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira, 2022.

Figura 7 - Imagem digital da minha mãe na Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira de arquivo pessoal, feita por Robson meu primo, 2022.

Figura 8 - Imagem digital de arquivo pessoal feita pela minha mãe da página de seu caderno onde ela escreve a história de quando ia para os ensaios de dança, 2022.

Figura 9 - Imagem digital de arquivo pessoal - página do caderno da minha mãe Maria com a continuidade da história de quando ia para os ensaios de dança, 2022.

Figura 10 - Sede da Associação da Comunidade Quilombola Engenho Siqueira – Imagem digital de arquivo pessoal, feita por Robson meu primo, 2022.

Figura 11 - Imagem analógica de arquivo pessoal, cedida por Catian Maria, minha prima. Certidão de Autorreconhecimento da Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira, 2022.

Figura 12 - Imagem digital feita e cedida por Robson, meu primo - Bloco da Laursa de Siquera, 2022.

Figura 13 - Imagem digital de arquivo pessoal. Registro feito por minha irmã Gil Santos onde estou na cozinha da casa do Rochdale com a minha mãe, 2020.

Figura 14- Imagem de arquivo pessoal, onde estou na frente da sede da Associação da Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira - Registro feito por Nitiren Queiroz em janeiro de 2023.

Figura 15 - Imagem digital do fotógrafo Junior Nascimento durante a apresentação no Festival de Curimba Aldeia de Caboclos 2013.

Figura 16 – Imagem digital de arquivo pessoal, feita pelo professor Maurício durante o replanejamento na Escola Newton Espírito Santo Ayres, 2017.

Figura 17 – Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Capa da primeira edição da Revista Empoderar, 2016.

Figura 18 - Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Página do ensaio fotográfico da primeira edição da revista, 2016.

Figura 19 - Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Página do ensaio fotográfico da primeira edição da revista, 2016.

Figura 20 - Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Páginas de conteúdo da primeira edição da revista, 2016.

Figura 21 - Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Página com texto sobre candomblé na primeira edição da revista, 2016.

Figura 22 - Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Página com trecho das entrevistas na primeira edição da revista, 2016.

Figura 23 - Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Capa da segunda edição da Revista Empoderar 2018.

Figura 24 - Imagem capturada do por mim site da Revista Empoderar - Página com ensaio e depoimento da fotógrafa da segunda edição da revista, 2018.

Figura 25 - Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Página com relato sobre trabalho realizado na escola da segunda edição da revista, 2018.

Figura 26 - Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Página com fotos do ensaio para a segunda edição da revista, 2018.

Figura 27 - Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Capa da terceira edição da Revista Empoderar 2019.

Figura 28 - Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Páginas que apresentam atividades realizadas na escola com a discussão sobre ERER+, 2019.

Figura 29 - Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Página com fotos do ensaio fotográfico para a terceira edição da revista, 2019.

Figura 30 - Imagem capturada por mim do site da Revista Empoderar - Foto registrada no ensaio fotográfico da terceira edição da revista, 2019.

Figura 31 – Imagem digital de arquivo pessoal feita por Márcia Urban, professora de Ciências, 2021.

Figura 32 - Imagem digital de arquivo pessoal - Minha mãe e eu em frente à escola, janeiro 2023.

Figura 33 – Imagem digital de arquivo pessoal feita por Nitiren Queiroz onde estou com minha mãe lavando roupa na bica de Siqueira após alguns dias sem o fornecimento de água na cidade de Rio Formoso, 2023.

Figura 34 - Imagem digital de arquivo pessoal - Minha mãe, minha filha e eu no rio lavando roupa, 2023.

Figura 35 - Imagem digital de arquivo pessoal - Bica da Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira, 2022.

Figura 36 - Imagem digital de arquivo da Revista Empoderar feita durante o ensaio fotográfico da segunda edição, 2018.

Figura 37 - Imagem digital de arquivo pessoal - Apresentação e dança afro brasileira na Diretoria de Ensino de Osasco com a estudante Ashley e o estudante João, 2019.

Figura 38 - Imagem digital de arquivo pessoal feita na escola Newton Espírito Santo Ayres com o estudante Pedro Luiz e um quadro, 2015.

Figura 39 - Imagem digital de arquivo pessoal eu andando pelo corredor das salas de aula da Escola Newton em 2018.

Figura 40 – Imagem editada por mim do estandarte exposto na sede da Associação Quilombola de Siqueira, 2023.

LISTA DE ABREVIATURAS

ATPC - Aula Trabalho Pedagógico Coletivo

DE - Diretoria de Ensino

ERER+- Educação para as Relações Étnico-Raciais. O sinal + acolhe outros marcadores sociais.

GPIHMAE - Grupo de Pesquisa em Imagem, História, Memória e Arte-educação.

GOE - Gerente de Organização Escolar

LGBTQIAP+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Queers, Intersexo, Assexuado, Pansexual. O sinal + acolhe todas as pessoas que não se sentem representadas.

ONG - Organização Não Governamental

OT - Orientação Técnica

PCP - Professora Coordenadora Pedagógica

UNESP - Universidade Estadual de São Paulo

SUMÁRIO

PREPARANDO COMIDA-ESPERANÇA.....	17
INTRODUÇÃO.....	18
1 - PRINCÍPIO DESLOCAR.....	28
1.1 - Deslocar: de Rio Formoso a Osasco	29
1.2 - Retornar para reencontrar-se.....	35
1.3 - Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira.....	39
1.4 - Na cozinha de casa: lugar-afeto.....	45
2 - PRINCÍPIO ATERRAR.....	53
2.1 - Revista Empoderar.....	55
2.2 - Aterramento docente: formação de professoras e professores.....	76
3 - PRINCÍPIO PERTENCER.....	86
3.1 - Na sala de aula, a grande cozinha.....	98
CONSIDERAÇÕES: SENTIR-SE EM CASA.....	105
REFERÊNCIAS – QUEM ME SUSTENTA.....	109

Em meu próprio trabalho, escrevo não apenas o que quero ler-entender de forma plena e indelével que, se não o faço, ninguém tem interesse ou capacidade tão vitais de fazê-lo a ponto de me satisfazer -, *mas também todas as coisas que eu deveria ter tido condições de ler.*

Alice Walker¹

¹ Escritora, poetisa e feminista estadunidense.

“Serpente enrolada,
prepara o salto da pedra
à boca do andrógino:
o anoitecer na mata de vidro
acoberta a fumaça
do alecrim.
(a natureza do ferro
me revela o caminho)
Submerso na lama,
o iniciado monta o caranguejo
e oferta
fumo ao pai do mangue -
também se ajoelha para Nanã,
cuja bela face
tão poucos puderam
vislumbrar.
(Pede licença e cale a boca.
Se teus ouvidos
seguem selados
não pergunte.)

Nitiren Queiroz²

² Poeta, professor e b.boy brasileiro.

PREPARANDO COMIDA-ESPERANÇA



Fig.4

Das frutas que comi, das terras onde pisei, das águas que me banhei. Ofereço a você, alimento, água, chão e ar... Cozinhe comigo a comida-esperança. Entre fique à vontade, tenho histórias para te contar e saberes para compartilhar. Do deslocar ao pertencer existe terra entrando nos dedos dos pés, sint-a!



Fig.5

INTRODUÇÃO

Nas manhãs de sábado, nos reuníamos na cozinha para arrumar o cabelo, quer dizer, para alisar os nossos cabelos. Os cheiros de óleo e cabelo queimado misturavam-se com os aromas dos nossos corpos acabados de tomar banho e o perfume do peixe frito. (bell hooks, 2005)

Quantas memórias cabem em uma cozinha? Quantas conversas? Quantos cheiros? Quantos aprendizados? São tantas perguntas, que talvez não dêem conta de responder sobre a grandiosidade e as relações que podem ser construídas a partir deste lugar. Em “A Natureza do Espaço”, Milton Santos (2011) traz uma abordagem em um dos capítulos sobre o espaço e as diferenças entre este e a paisagem. Milton fala sobre o espaço ser uma construção horizontal e, portanto, única, o que traz significação e valor, um espaço dotado de sentidos. E eu começo este trabalho com a citação do texto “Alisando o Nosso Cabelo” de bell hooks onde ela cita a cozinha, ambiente chamado aqui por mim de *lugar-afeto*. A cozinha aparece neste trabalho como lugar onde muitas das minhas experiências foram aterradas.

Ana Mae Barbosa, diz: “a memória não respeita regras, nem metodologias, é afetiva e revive a cada lembrança.” E é nesse reviver, que convido todas as pessoas a se (re) encontrarem nas cozinhas de suas casas e se conectarem com as palavras e os aprendizados que se estabeleceram neste espaço. Proporcionar uma reflexão para a efetivação da educação antirracista a partir dessa interlocução entre memória, história, afetividade e a cozinha de casa.

Inspiradas pelas provocações de Grada Kilomba (2019) me proponho a uma escrita disposta a respeitar os gêneros e identidades, ou que possa de alguma forma, fazer com que as pessoas ao lerem este trabalho se sintam acolhidas, ouvidas e respeitadas através das minhas palavras. Então, pode parecer cansativo, mas você vai se acostumar e como bem disse Kilomba: *“Parece-me que não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma nova linguagem. Um vocabulário no qual nós possamos todas/xs/os encontrar, na condição humana.”*

Minha entrada no mestrado fez com que eu me reencontrasse com algumas inquietações, uma delas foi na aula da professora Rejane Coutinho, em que ela comentou sobre os nomes nas citações e o quanto é complicado às vezes descobrir quem é aquela autora ou aquele autor, cujo somente o sobrenome aparece de pronto. Muitas vezes eu me perdia nas leituras sem saber como ou onde procurar por um sobrenome citado e ficava pensando também no tempo otimizado caso o nome completo fosse citado. Assim, ousei aqui neste trabalho,

deslocar-me da regra e me permito colocar nomes completos nas citações das autoras e autores que tenho como referência neste trabalho, com o objetivo também de deixar a leitura mais dançante, sem a necessidade de ir e voltar no texto, para saber sobre quem está sendo citada/o. Além disso, a maioria das minhas referências são pessoas negras, assim optei por apresentá-las com seus respectivos nomes completos e encurtar o caminho para quem decidir procurar por alguma delas. Muito movida por bell hooks (1952-2021), faço uso de pouquíssimas notas e rodapé, fortalecendo assim a fluência da leitura e apresentando no próprio texto as referências. E hoje entendo o quanto é preciso dar nome e sobrenome para quem nos inspira.

Desde 2013 sou professora de Arte na rede pública estadual de São Paulo no município de Osasco, lecionando para estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Mas minha relação com a arte e com a educação começou muito antes da minha chegada na escola pública. Essa relação começou quando ainda criança eu ouvia atentamente as histórias da minha mãe e do meu pai, na cozinha de casa em São Paulo. Foi neste lugar-afeto que toda minha relação com as manifestações populares começou.

Quando fecho os meus olhos imediatamente vejo Pernambuco, eu me conecto e sinto meu corpo vibrando como se ao som do maracatu estivesse de fato presente. Ele se movimenta e brinca sob os ritmos pernambucanos. Encantada pelas cores, formas, pelos versos e movimentos, pelas brincadeiras e responsabilidades que envolviam uma dança popular pernambucana, eu desejava retornar ao meu chão. Por que viemos para São Paulo? Essa pergunta que eu sempre direcionava à minha mãe e ao meu pai se repetia diversas vezes na cozinha de casa, onde envolvida pelos cheiros das comidas sendo preparadas, eu me inquietava com o desejo de retornar.

Nunca soube dizer o motivo, mas ficar em casa ouvindo histórias sempre foi uma opção prazerosa entre os convites para passeios. Os primeiros passos de frevos aprendidos conscientemente, se deram neste espaço de afetos e cheiros. A cozinha, que era como um palco para as narrativas de minha mãe e meu pai, era também lugar de encontro onde às vezes mergulhamos em lágrimas saudosas.

Por alguns anos, estive dedicada a grupos de dança, participando de aulas e workshops. Durante essas vivências, comecei a sentir a necessidade mais uma vez de partilhar conhecimentos até então adquiridos. Durante um tempo, dei aulas em ONGs (organizações não governamentais) e neste período eu estava cursando licenciatura em dança. Foi durante uma aula da disciplina de Políticas Educacionais que fiquei sabendo do concurso público para

a Rede Estadual de Ensino de São Paulo. Decidi fazer a prova e para minha surpresa (pois até aquele momento, eu não tinha intenção alguma de assumir um cargo público, pois meu interesse era pela experiência) passei. Este seria o início de uma relação que eu não imaginava o resultado, mas vi a possibilidade de levar para dentro da sala de aula, um pouco das danças populares e afro brasileiras, coisa nunca vista por mim durante o período da educação básica. Era também a oportunidade de levar a cozinha de casa para dentro da escola de alguma forma.

Já na escola pública, comecei a vivenciar situações, ocorridas tanto em sala de aula como no circuito da gestão. Sempre refletindo sobre o meu processo no ensino fundamental e ensino médio e sobre como a ausência das referências artísticas negras me fizeram falta para me entender e perceber como parte do processo histórico. A partir dessas inquietações, comecei o movimento de questionar e colocar para reflexão dentro do ambiente escolar, a ausência da discussão referente às questões étnico-raciais que não eram abordadas nos momentos de planejamento escolar tampouco nas ATPC (Aula Trabalho Pedagógico Coletivo) com a equipe docente. Afinal, se não me reconheço em nenhum processo artístico, histórico e cultural, se não me vejo representada/o/e é porque esses espaços não me pertencem?

Tendo percebido algumas lacunas em relação à abordagem dessas questões, em 2015, juntei-me aos professores Ivo (Sociologia) e Renato (História) para a elaboração de uma ação na escola com o objetivo de atender a demanda da lei 10.639-03 (BRASIL, 2003). Começamos a organização da primeira edição da Revista Empoderar, organizada por professoras, professores, estudantes e comunidade. Atualmente, a revista tem três edições publicadas em formato digital. Cada edição, conta com um ensaio fotográfico protagonizado por alunas e alunos, abordando sempre um assunto a ser discutido na escola, no que diz respeito ao acolhimento e valorização da diversidade. É poderoso se ver em uma revista e o ensaio fotográfico tem essa potência transformadora.

Em 2019 me afastei da sala de aula e assumi a função de Professora Coordenadora Pedagógica de ensino fundamental – esta que desenvolvo até o momento em que escrevo essas palavras em movimento. A coordenação pedagógica costuma ser ocupada por docentes com formação em Língua Portuguesa e Matemática devido às provas externas avaliativas do governo que contemplam sobretudo esses dois componentes. Acredito que para o governo, essas disciplinas são as mais importantes ferramentas para identificar dificuldades e defasagens de estudantes, no entanto, deixando em segundo plano os demais componentes e a relevância deles. Priorizando especificamente os componentes de Língua Portuguesa e

Matemática, o sistema governamental corrobora com a falta ou pouquíssima abordagem dessas disciplinas sobre ensino antirracista, deixando-as apartadas da discussão, por exemplo. Então, estar na coordenação pedagógica sendo professora de Arte e colocando sempre em pauta as questões de uma educação para as relações étnico-raciais, tem sido uma grata e desafiadora experiência.

Falar sobre as diversas manifestações e contextos culturais, é uma ação necessária para concretizar e principalmente acolher toda diversidade que compõe uma comunidade escolar, as culturas indígenas, as pessoas com deficiência, imigrantes e pessoas LBTQIAP+ que precisam ter suas presenças e seus direitos assegurados nesta comunidade, adubando o terreno para uma escola que respire pluralidades. Nesse sentido, não é possível mais compactuar com exclusões nos processos de ensino e aprendizagem.

As representações, sejam elas através da dança, da música, do teatro ou das artes visuais, podem reforçar estereótipos de artistas negras, negros e negres assim como suas obras e produções, quase nunca apresentadas em sala de aula, como parte da História e da construção de saberes, esta forma reforça preconceitos, exclusão e apagamento dessas e desses artistas. Revisito com frequência a pergunta: Como o ensino da arte pode contribuir para uma educação antirracista? E ainda: A ausência das representações negras pode ser também um motivo para o grande índice de evasão escolar? Muitas e muitos estudantes têm a escola como único espaço de relações fora do ambiente familiar, passam horas do dia dentro desse ambiente gerando lembranças, produzindo e compartilhando experiências.

A escola é um espaço formativo, integrativo e diverso, mas ela também interfere no processo de construção e reconhecimento da identidade, por isso, as representações precisam ser garantidas dentro da sala de aula. A Arte é um componente curricular que possibilita o diálogo, a expressão, a Inter e a Transdisciplinaridade, e precisa ser repensada quanto às referências utilizadas por professores e professoras. O que se ensina sobre a presença de artistas negras e negros na arte se apresenta como uma reflexão urgente e necessária.

Em que momento ao longo do processo de aprendizagem as/os estudantes de ensino fundamental e médio são apresentadas a referências das obras de artistas negros/negras e da cultura afro brasileira? Quem são e onde estão essas/esses artistas negros/negros no ensino das artes? Quais são as referências que geralmente são utilizadas em sala de aula. Essas são algumas perguntas que faço quando penso no ensino da arte na escola pública. Elas indicam um processo no qual artistas muitas vezes são apagados/as/es e ignorados/as/es no processo

de construção do conhecimento de estudantes. Se a escola é um ambiente social-cultural (NILMA LINO GOMES,1996) e atende a multiplicidade de pessoas que a constitui, porque então tantas/os/es artistas negras/os/es não são apresentadas/os/es a estudantes durante o processo de ensino-aprendizagem?

A escola não é um espaço neutro e se lembrarmos bem, temos a escola como cenário principal das nossas primeiras experiências de racismo, preconceito e intolerância. Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. Reconhecer as diferentes formas de pertencimento e ser parte dos movimentos precisam compor o processo de ensino. As experiências individuais e coletivas precisam ser entendidas, respeitadas e apresentadas também como saberes.

A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores (BRASIL, 2017, p. 193). É inadmissível pensar e ensinar arte exclusivamente a partir de uma única história e isso como aponta Chimamanda Ngozi Adichie (2019), é um perigo. A escola vive em constante mudança, os/as estudantes mudaram e cada vez mais se reconhecem e ocupam os espaços. Por mais que tenhamos um aumento no número de professoras e professores preocupados com a discussão sobre as questões de raça, ainda não atende suficientemente as demandas e necessidades de uma comunidade escolar. Sabemos que essas professoras e professores são pessoas que atuam de forma isolada, muitas vezes sem o empenho e comprometimento da equipe gestora e docente.

Quando se fala em ensino da arte antirracista, estamos falando de uma estrutura que precisa ser repensada de atitudes e práticas pedagógicas que precisam ser abandonadas e dinamitadas para recomeçar. Se estudantes, ao chegarem na escola, encontram somente como referência as pessoas da limpeza ou da inspeção - sublinho aqui, que essas funções são importantes, que pessoas que ocupam seus cargos precisam também serem vistas como educadoras dentro do ambiente escolar, pois sempre estão em contato com estudantes- é um sinal de atenção, e aí, falamos da estrutura educacional e da representação da pessoa negra ocupando esse lugar. Contudo, a representação das pessoas negras, precisa passar por várias esferas dentro do ambiente escolar, não somente por lugares que a arte nas suas formas de representação costuma ensinar e apresentar.

Os espaços em sala de aula, na gestão e coordenação de uma escola, são também posições que podem e devem ser ocupadas por pessoas negras. O papel de liderança e a construção de saberes apresentadas por professoras e professores negros e negros precisam ser entendidos e respeitados. Mesmo com a lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) que torna obrigatório o ensino da cultura africana e afro brasileira no contexto educacional brasileiro, podemos perceber ainda hoje a defasagem na formação de professoras e professores para atender de fato a demanda da discussão e ensino para Educação Para as Relações Étnico-Raciais (ERER). A escola precisa ser de fato um espaço para valorização e respeito à multiplicidade. Nesse sentido, o Currículo Paulista aponta: Para promover a aproximação, a convivência e a investigação da Arte na escola como um saber, um conhecimento, é fundamental cultivar a prática: a experiência e a vivência artística como práticas sociais podem promover o protagonismo, a criação (SÃO PAULO, 2019). Quando pensamos, olhamos, fazemos Arte ou escrevemos sobre ela, mobilizamos diferentes saberes estéticos e culturais (SÃO PAULO, 2019, p. 220). Entendo então, que desta forma, a abordagem do ensino para uma Educação Antirracista é necessária e urgente para de fato cumprir o que se aponta também no documento oficial citado acima.

O corpo tem suas histórias, suas memórias, é movimento. É necessário apresentar artistas negras, negros e indígenas a estudantes, crianças e jovens que estão em fase de construção e desenvolvimento de suas identidades, é importante apresentar referências negras nas produções das artes despindo-se de preconceitos. As diversas corporalidades presentes no ambiente escolar, fazem desse espaço um lugar de movimento, partindo dessa observação a professora doutora e artista Inaicyra Falcão dos Santos diz:

O corpo é, portanto, um elemento portador de conhecimento e de expressão, levado em consideração na comunicação da dança. Cada pequena parte desse instrumento tem sua importância no processo (2002, p. 82).

Assim, o corpo é lugar de aprendizagem que carrega experiências e possibilita a integração entre o que se aprende na escola e as vivências trazidas de fora desse espaço, inclusive o que se escuta, observa, come e movimenta na cozinha de casa, tornando-se inteiramente um elemento carregado de conhecimentos como aponta acima a professora e artista Inaicyra Falcão.

Em Olhares Negros: raça e representação, a escritora, intelectual e professora estadunidense bell hooks, traz uma sequência de ensaios críticos da representação sobretudo da mulher negra na música, na literatura e principalmente no cinema. Impactando na construção social e econômica da imagem da mulher negra, já que essas representações são

construídas com base no processo histórico violento e tentativa de apagamento da história dessas mulheres, quando forçadas a negarem sua cor, textura de seus cabelos e lugar de origem. Essas tentativas se dão de maneiras constantes e insistentes, nas produções visuais que reforçam estereótipos de que mulheres negras precisam estar o mais próximo possível de características de mulheres brancas para serem aceitas ou consideradas competentes no trabalho e bonitas. Utilizando as abordagens citadas acima, proponho também uma reflexão com um recorte para o ensino da arte na escola pública a partir dos ensaios fotográficos da Revista Empoderar, refletindo sobre as imagens e referências apresentadas para estudantes. Esse aspecto tem interlocução com outra obra da autora supracitada com a proposta de me debruçar no diálogo sobre a formação de profissionais da educação.

Os professores não são atores no sentido tradicional do termo, pois nosso trabalho não é um espetáculo. Por outro lado, esse trabalho deve ser um catalisador que conclame todos os presentes a se engajar cada vez mais, a se tornar partes ativas no aprendizado. (bell hooks, 2018, p. 22). A autora nos aponta que, para termos uma significativa transformação no processo educacional, é preciso compromisso e principalmente, acreditar/gostar do que se está fazendo. A abordagem de bell hooks acerca da Pedagogia Engajada, propõe que professoras e professores acreditem em suas vocações e que ensinar não pode ser apenas partilhar informações. Ainda é possível encontrar um desequilíbrio quando abordamos a formação de professoras e professores, o que resulta na defasagem em sala de aula e na falta de aprofundamento no que diz respeito as referências de obras e artistas negras/negros (NILMA LINO GOMES, 2008).

O desconhecimento ou a abordagem frágil no processo de formação desses profissionais, impacta diretamente a construção de saberes das/dos estudantes sobretudo estudantes negras/os/es que na maioria das vezes não se veem representadas/os/es nas obras e consequentemente na história da arte. É como se seus corpos não compusessem também o espaço da sala de aula, é o reforço do imaginário da representação branca na construção de suas ideias, suas referências, é a insistência do apagamento dos seus corpos. Sobre saberes estéticos, Nilma Lino Gomes diz:

No que se refere à corporeidade (podemos dizer que as ações afirmativas reeducam os negros e as negras na sua relação com o corpo). Ao se posicionar favoravelmente a essa política (...) ou ao se identificar como negro no Brasil o sujeito participa de um processo de mudança de lógica corporal (2008 p. 103).

Esse processo de mudança que Gomes aponta, precisa acontecer também dentro da escola e em todo percurso da aprendizagem e inclui também, a formação docente. Ainda nesse

sentido a autora nos propõe uma reflexão acerca da pedagogia das ausências que “consiste em um exercício político e epistemológico cujo objetivo principal é transformar as ausências e a invisibilidade que recaem sobre os movimentos sociais e seus saberes” (NILMA LINO GOMES, 2008). Nesse sentido, é preciso pensar além de apresentar de forma rasa as obras e artistas, mas contextualizar e aprofundar as discussões, colocando como parte importante no processo de ensino aprendizagem.

Como foi dito anteriormente, muitas e muitos alunas e alunos têm a escola como único ambiente de interação fora do contexto familiar. É nesse espaço que as amizades são construídas e as relações são criadas. “A escola é um espaço que interfere e muito no complexo processo de construção das identidades” (NILMA LINO GOMES, 1996). Já que a escola ocupa esse lugar na vida de estudantes, sobretudo negras/negros é preciso repensar as abordagens, respeitando a diversidade e multiculturalismo que compõe esse ambiente. Pensar em um ensino antirracista da arte, é rever conceitos e abandonar práticas que reforçam estereótipos de pessoas negras. Além disso, entender que a/o professora/professor deve ser mediador em situações que coloquem em dúvidas a importância da população negra na arte, seja a representação propriamente dita, seja a/o artista. Gomes diz: “A escola não é um campo neutro”, logo, o ensino da arte também não.

As referências e teorias racistas ainda ocupam um lugar de destaque no ensino da arte. Nesse sentido, não existe a opção de se ausentar dessas discussões e reflexões. Estar na educação pública, no ensino da arte é estar pré-disposta a debater e ensinar sobre ensino antirracista. Assim eu me proponho a uma reflexão para a ressignificação do ensino do componente curricular arte, pois no cotidiano escolar o ensino deste ainda não contempla a diversidade e não apresenta para as/os estudantes as referências de artistas negras/negros que tem importância na história.

Durante o processo de aulas e seminários que participei no primeiro ano do mestrado, algumas inquietações insistiram em ficar. Comecei a entender que as minhas experiências estão diretamente conectadas com o que tenho me proposto a refletir sobre ensino antirracista da arte na escola pública. Como migrante nordestina, passei boa parte da minha infância conhecendo os lugares de onde vim através das palavras narradas por meu pai e principalmente por minha mãe. Maria do Carmo a dona Nininha que era passista de frevo, dançava pastoril, era porta-bandeira, contava e cantava com saudade as palavras que faziam meus olhos se transformarem em cachoeira ao ouvir as histórias e momentos vividos em Pernambuco.

De lá, eu me lembro do chão de terra, da Laursa batendo na porta de casa, dos bichos no quintal e das frutas tiradas do pé para serem degustadas na hora. Me lembro da casa de farinha no Quilombo de Siqueira e ainda sinto o quentinho da farinha que tinha acabado de ser preparada. Meu pertencimento começou nos encontros na cozinha, onde envolvida com o cheiro do cuzcuz e do café acabado de ser feito eu ouvia atentamente as palavras dançantes e causos da minha mãe e do meu pai. E na cozinha - lugar afeto- cresci sem reconhecer e entender de maneira consciente a potência desses momentos e sem saber nomeá-los, mas sabia que algo se movimentava e transbordava com muita força dentro de mim. Desta forma, eu tinha uma referência, um ensino antirracista através das narrativas de minha mãe. Ela contava sobre as pessoas negras que compunham os grupos de dança, a organização e confecção dos figurinos, do quanto estar à frente puxando o pastoril era o lugar desejado. Falava também da Laursa da Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira, e sobre situações vividas no percurso para a escola. Desta forma, como posso falar sobre ensino antirracista da arte sem atravessar as minhas experiências que estão aterradas junto às experiências de minha família, principalmente de minha mãe?

Escolhi apresentar as falas, histórias, narrativas e músicas contadas e cantadas por minha mãe, meu pai e todas as pessoas que são parte desta pesquisa com o texto entre aspas e na fonte em itálico. Decidi também, que esses textos-ensinamentos apareceriam sempre centralizados, trazendo uma atenção e destaque para esse momento de partilha. Ao longo do percurso de organização da minha pesquisa, três palavras começaram a aparecer com frequência e insistentemente decidiram ficar, são elas: *deslocar*, *aterrar* e *pertencer*. Esses três verbos que agora me organizam e organizam também a minha pesquisa, apresentam de forma mais real os meus movimentos inquietantes em relação ao ensino antirracista da arte na escola pública.

E sobre a organização desta pesquisa dou início a este trabalho com *deslocar*, narrando sobre o meu deslocamento do Nordeste para o sudeste do país e da minha relação com a arte, sobretudo as manifestações e artes populares pernambucanas. Narro partes de minha história e sobre como a arte e a educação estão e fazem parte desse processo. Essas escritas reverberam e fortalecem para uma pesquisa autobiográfica e me levam ao meu lugar de deslocamento. Dialogo com Beatriz Nascimento e suas abordagens sobre quilombo como princípio ideológico de resistência cultural ao Estado. Para aprofundar a relação e a importância sobre nossas experiências em uma pesquisa acadêmica e também com Deise de Brito e Conceição Evaristo. Assumo e respeito a fala e a escrita da minha mãe, que são saberes apresentados

aqui, a sua voz e o seu canto é o *pretuguês* que Lélia Gonzalez (2020, p.199) nos apresenta. Não se trata de uma troca de letras ou uma redundância, é a forma como nós nos apresentamos ao mundo e como tatuamos a nossa história. É a construção e partilha de saberes que vêm desde as muitas Áfricas. Assim, ao longo deste trabalho, você vai se encontrar com esses mundos. Respeitando e fortalecendo essa forma não colonizada do saber, como bem disse Lélia “uma forma de resistência é por meio da linguagem, do idioma (2020, p.25).” Desta maneira, é também o espaço para que alunas e alunos, percebam em seus próprios territórios esse jeito de (re) existir.

Seguindo para *aterrar*, proponho aprofundar sobre as possíveis formas de ensinar arte e apontar caminhos para o ensino antirracista através desse componente curricular a partir de experiências de aulas com estudantes de ensino fundamental II e ensino médio. Situar sobre pesquisas e práticas tanto no contexto escolar como fora dele e como essas práticas podem referenciar para outros aterramentos acontecerem no chão da escola. Apresento a experiência com a Revista Empoderar, organizada por professoras e professores e estudantes da escola, na qual sou responsável e a enxergo como movimento de resistência dentro da escola. Tendo como referência a professora e bell hooks para pensar sobre uma educação libertadora e realmente transformadora. Relatar sobre o processo do ensaio fotográfico da Revista Empoderar, onde estudantes são agentes e personagens principais. Neste capítulo, trago a reflexão sobre a formação de professoras e professores dentro das discussões da educação para as relações étnico-raciais onde converso também com Nilma Lino Gomes.

Finalizo com *pertencer*, fazendo uma reflexão sobre quem são as pessoas negras que compõem a comunidade escolar. Onde estão e quais funções/cargos ocupam e discutir sobre a presença de professoras negras e as relações construídas dentro do ambiente escolar. Além disso, compartilho relatos de experiências vividas no circuito da gestão escolar na função de coordenadora pedagógica de ensino fundamental. Aqui, sigo para o diálogo sobre representação e principalmente equidade na escola pública a partir das contribuições teóricas de Nilma Lino Gomes e bell hooks.

Assim, este trabalho se propõe investigar a urgência de como o componente curricular Arte pode adubar o chão da escola para um ensino antirracista, a partir de minhas experiências desde a cozinha de casa até a sala de aula como professora formada em dança, lecionando na área de Linguagens, em consonância com os estudos propostos por bell hooks (2018,2019) e Nilma Lino Gomes (1996,2008) e mergulhando na referência das *ESCREVIVÊNCIAS* de Conceição Evaristo.

1 - PRINCÍPIO DESLOCAR

“Nossa, Vânia, fazia tempo que eu não ia em Siqueira, desde quando começou a pandemia. Eu encontrei tio Dédo, ele chorou tanto quando me viu.” (Maria do Carmo, 2022)

Figura 6 - Entrada para a Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira



Fonte: Maria do Carmo (2022)

Imersa na experiência do mestrado - lugar muito desejado - os primeiros dias de aula foram de muitas perguntas, dúvidas e questionamentos. E as que mais ressurgem são as seguintes questões: Será que é possível separar nossas experiências de uma pesquisa? É possível distanciar-se de si para escrever, produzir, criar? Fico pensando em como as informações se reverberam em meu corpo e me conduzem a uma presença seja através da criação em dança, seja na sala de aula ou escrevendo. Essa ausência não dá para acontecer, pois eu sou todos esses movimentos. Assim, desejo que minha inquietação em relação ao ensino da Arte na escola pública seja lida por todas e todos e que principalmente os olhares se tornem atentos para as práticas de ensino e aprendizagem da arte dentro de uma perspectiva antirracista. Neste primeiro capítulo, compartilho memórias e histórias do meu deslocamento junto com minha família de Rio Formoso à Osasco e as narrativas ouvidas na cozinha de casa, espaço este que chamo de lugar-afeto. Além disso, falo sobre a tradição da La Ursa que até hoje se mantém dentro da Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira, quilombo onde minha mãe nasceu e viveu até a fase adulta. E é nesse deslocamento, que junto com minha família, chegamos à cidade de Osasco na grande São Paulo.

1.1 - Deslocar: de Rio Formoso à Osasco

O ato de deslocar-se, o deslocamento, tem sentidos peculiares para as pessoas negras. Se pudermos listar aspectos que esse termo implica, no contexto de homens negros e mulheres negras, nas Américas, veremos que é preenchido de variados significados e interpretações. (DEISE DE BRITO, 2019, p. 89).

Era inverno da década de 1990, eu me lembro dos nossos corpos, tremendo na rodoviária do Tietê. Fazia frio, muito frio. Imagine sair do calor do Nordeste sem nem saber usar um casaco. Inclusive, foram as doações de roupas de frio das pessoas que nos aqueceram por um bom e longo tempo. Eu também me lembro que tínhamos medo, a cidade era grande demais, as pessoas andavam com pressa e o tempo caminhava com a mesma velocidade. De onde nós vínhamos, corríamos livres no quintal de terra e conhecíamos todas as pessoas, as vizinhas e os vizinhos e essas pessoas nos conheciam. O quintal era lugar seguro. Éramos três crianças, dois adultos e a incerteza de onde e como ficaríamos. De Rio Formoso - zona da mata e litoral sul de Pernambuco - para Osasco grande São Paulo. A viagem de quase três dias foi feita de ônibus e para minha irmã, meu irmão e eu a viagem era também uma aventura no começo. Passadas as primeiras 24 horas, insistentemente perguntávamos se estávamos

chegando. Para a pergunta, minha mãe e meu pai sempre tinham uma saída que nos distraía e por alguns minutos a gente se esquecia de toda distância.

Nossa vinda para São Paulo tinha um objetivo, comprar uma geladeira e retornar. Sim, por incrível que pareça, vir à São Paulo naquela época só para comprar uma geladeira, era econômico. Meu pai chegou em São Paulo com a experiência do trabalho no corte da cana e minha mãe com a vivência da dança, da casa de farinha e do plantio de macaxeira. Só que em Osasco, na época em que chegamos não tinha nada disso. Faltou a imensidão dos canaviais, faltou o coro das músicas sendo cantadas nas ruas. Naquele tempo, também faltou oportunidades para que minha mãe continuasse dançando e o trabalho doméstico foi a saída para sobreviver e se manter. Meu pai conseguiu um trabalho em construção civil e as mãos calejadas pela foice, logo deram lugar aos calos feitos pelas enxadas, pás e marretas.

Durante um período, moramos em um cômodo nos fundos da casa da minha tia e torcíamos para que não chovesse. A casa ficava ao lado de um braço morto do rio Tietê. Quem mora ao lado de rios e córregos sabe bem do desespero que chega quando o céu anuncia chuva. E foi morando nesse cômodo que por muitas vezes ouvi minha mãe e meu pai dizendo que logo voltaríamos para Rio Formoso, por esse motivo, acabei não sendo matriculada na escola. Afinal, nosso retorno estava próximo. Mas os dias foram passando, fomos ficando e eu acabei perdendo um ano letivo.

Buscando oportunidades, minha mãe começou a trabalhar em casa de família e quando as coisas são para dar certo, elas dão. Todos os dias no trajeto para a casa onde trabalhava, minha mãe via um terreno com uma casa destruída. Foram meses passando por aquele lugar indo e voltando e nunca viu movimento nenhum de pessoas. Ali, ela determinou que aquele lugar seria nosso. Se informou onde ficará a prefeitura e todos os dias se instalava na porta para ser atendida pelo prefeito da época. Até que conseguiu e contando toda a nossa história de chegada à Osasco, o prefeito enviou uma pessoa para nos visitar no cômodo que morávamos. Era preciso se certificar da nossa necessidade. Meses depois, aquele terreno com uma casa destruída nos foi cedido. Começa então, toda luta para a construção do que seria a nossa casa de dois cômodos.

Mas até a construção da casa se concretizar, minha mãe precisa nos levar para o trabalho junto com ela. Me lembro de duas casas que ela trabalhou. Em uma delas tinha uma garagem grande, dois andares com uma escada de madeira, o quintal era enorme e tinha uma lavanderia incrível. Todos aqueles móveis e eletrodomésticos de última geração... Nessa casa

tinha cachorro e quando eu fecho meus olhos eu o vejo branco com bolinhas pretas, magro e grande. Minha mãe entrava para começar a limpeza da casa e nós, as crianças, ficávamos na garagem ou na lavanderia esperando pacientemente ela terminar o serviço. Às vezes, éramos convidadas a entrar na cozinha pela porta da lavanderia, sentar à mesa e comer um bolo ou bolacha recheada. Eu ficava espantada com o tamanho daquele lugar, tudo era grande, os armários, a mesa, a pia e o medo de quebrar alguma coisa também.

O tempo passa e a pergunta “por que viemos para São Paulo?” Começa a fazer parte da minha rotina. Logo eu que menina cresci ouvindo as histórias dos carnavais da minha mãe porta-bandeira, passista de frevo e brincante de pastoril. As mãos calejadas do corte da cana do meu pai, que naquele momento passou a suportar os calos da função de pedreiro e encanador, carregavam a honestidade e a promessa de que as crianças jamais sentiram a dor da fome como sentiu um dia. E cumpriu!

Eu, ainda criança, ouvia atentamente as histórias e acontecimentos da minha mais velha e do meu mais velho, sabia de alguma forma que aquele encantamento não era passageiro. A cozinha se tornou um local de encontro para as narrativas de histórias e causos e era na cozinha também que minha mãe relembrava passos de dança. E no seu lembrar acontecia o meu aprendizado. Esse lugar-afeto, tomado por cheiros, era o que nos unia e o que fazia minha mãe se reencontrar com ela mesma.

Em 1999 foi criado o Projeto Eremim - anos depois tornando-se associação -, situado no bairro do Rochdale em Osasco, grande São Paulo. O projeto tinha como uma das principais propostas o trabalho com as manifestações populares brasileiras. O bairro do Rochdale até hoje é composto por uma quantidade significativa de migrantes nordestinos, sobretudo do Maranhão, Piauí e Pernambuco. Minha mãe viu no projeto uma oportunidade para que minha irmã, meu irmão e eu ocupássemos o tempo e aprofundássemos os estudos, já que lá também tinha a proposta de complementação escolar. Nas aulas de dança e percussão, eu sempre me encontrava com um movimento e/ou cantiga que já conhecia, que já havia aprendido com minha mãe, na cozinha de casa.

Os ensaios do Núcleo de Brincantes Eremim eram os momentos mais esperados. Os encontros aconteciam às sextas-feiras no período da noite e aberto a toda comunidade. Por muito tempo fiz parte da dança, participando de apresentações e concorrendo em festivais. Essa experiência fez com que eu me aproximasse ainda mais das histórias narradas por minha

mãe. No projeto ficamos por alguns anos, hoje, infelizmente depois de quase 20 anos de atividade, a associação está com as portas fechadas.

No início de 2004 a Associação Erermim passou por um processo seletivo, onde os educandos e educandas teriam a oportunidade de estudar cinema. Neste período, nascia o Instituto Criar de Tv e Cinema localizado até hoje no bairro do Bom Retiro em São Paulo. Dos dez adolescentes indicados pela ONG, nove passaram e iniciaram o curso. Me candidatei para a oficina de Produção e depois de passar um ano cursando a oficina entre 2004 e 2005, eu fui escolhida pelo professor Daniel Kulaif para ser monitora da segunda turma. Nessa experiência, eu me vi realizada ao ensinar, ao partilhar conhecimentos e aprender durante a partilha. Mas ainda me faltava algo que me fizesse brilhar os olhos, algo que me encantasse por inteira. A dança popular estava sempre comigo e depois dessa experiência com a produção de TV e Cinema, comecei a me dedicar e mergulhar ainda mais no estudo dela.

Depois de alguns anos em São Paulo, passei por situações que envolveram a saúde da minha mãe e do meu pai, no mesmo período fiquei desempregada e pude me dedicar aos cuidados daqueles que tinham cuidado de mim com tanta dedicação e amor. Tempo depois, com minha mãe e meu pai recuperados, viajamos para a cidade de origem, Rio Formoso. E em uma visita ao município de Caruaru me encantei por um agbe (instrumento feito de cabaça muito utilizado nos maracatus e afoxés pernambucanos) meu pai perguntou se eu tinha gostado e respondi que sim, mas era muito caro. Imediatamente, ele disse: vamos comprar, quem sabe você não vai ser uma artista daqui um tempo. Palavras lançadas ao universo tem força, tem poder. E as palavras do meu pai atravessaram os mares.

Ao retornar à São Paulo, oportunidades de trabalho com a dança foram surgindo. Ser remunerada e respeitada fazendo algo que me completava, me encorajou e me fez buscar/criar ainda mais condições para mergulhar no universo da dança. E estudando muito, surgiu a oportunidade de retornar à Associação Eremim, mas agora como educadora de danças brasileiras e dança afro. Na ONG, fiquei responsável pelo Núcleo de Dança por três anos e fazendo parte também de grupos de dança, entrei na faculdade, passei no concurso público e fui lecionar em escola pública. E eu já sabia quais eram os meus objetivos.

Aprende-se, ao fazer, com o outro. O primeiro passo: aprender a ouvir. O último: não há o fim das coisas. O mundo é feito de aberturas que se dão para outras. Entre o primeiro e o último: uma infinidade de passos, tropeços, imobilidades, esquecimentos, abandonos, prazeres sem medida ou sem sentido de tão inexplicáveis. (CÁSSIO E. VIANA HISSA, 2012, p. 14)

Muito apegada à minha mãe e ao meu pai, precisei vê-los retornar à sua terra depois de mais de 20 anos. E voltaram com a certeza de que tinham feito a melhor escolha, com a certeza do caráter e honestidade de suas filhas e do seu filho. Mas com o retorno dos dois, eu não teria mais os encontros na cozinha, não escutaria mais as histórias e causos de minha mãe. O lugar-afeto, começou a se encher com o cheiro da saudade. A partir desse momento, eu tinha certeza que minha permanência na casa seria breve. Como iria suportar chegar da rua, do trabalho, da faculdade e não ficar ali, horas ouvindo e perguntando? Como seria acordar cedo para tomar café e não mais se perder com o passar da hora de tanto conversar?

Em sua tese de doutorado, Deise de Brito traz o deslocamento como princípio em um dos seus capítulos, este, relacionado ao corpo negro, que dança, que move. Em seu trabalho intitulado “Casamento de Preto: um estudo a respeito do corpo negro a partir de Josephine Baker e Grande Otelo” (2019), Deise nos conta sobre um episódio acontecido com sua mãe, a dona Lurdinha. Ela caíra de uma escada ou banco enquanto estendia roupas no varal que ocasionou no deslocamento do ombro e ao recoloca-lo no lugar, a dor continuava, dessa maneira metafórica e narrativamente, a pesquisadora faz uma relação sobre os processos dolorosos e constrangimentos de cunhos raciais experienciados por pessoas negras. A pesquisadora-artista-professora, nos relata sobre a forma que esse acidente esteve presente em sua cabeça durante seu processo de escrita-pesquisa. O deslocamento é também e possivelmente uma experiência de dor. Dessa maneira e inspirada em suas provocações, eu entendo que meu ingresso no mestrado tem sido também um deslocamento, mas não apenas este ingresso como já apresentei desde o início. Aqui no meu trabalho, optei por usar o verbo deslocar, provocada pelo relato que a Deise compartilha sobre o acidente com sua mãe. Assim, aponto o deslocar relacionado ao processo de dor causado pelo deslocamento de uma cidade a outra, o que também propõe a pesquisadora.

Ao deslocar-se e ter como bagagem presenças do mundo invisível – antepassados que teceram histórias e modos de viver – a pessoa negra formula o seu interagir com o mundo pelo movimento. Assim, em movimento, ela se desloca, encontra pares, aproxima-se de diferentes perspectivas e cultiva uma zona de envolvimento relacional que pulsa cada vez mais forte como invólucro pleno. Arelado à palavra diáspora, o deslocamento qualifica essa ideia com significações que flutuam, entre o passado e o presente, suscitando diversos eixos: refazer-se em vida de movimento; o invisível; a dor; o envolvimento. (DEISE DE BRITO, 2019, p. 89)

Relatei aqui sobre o motivo que minha mãe e meu pai decidiram vir para São Paulo, a geladeira não era o único de fato, mas o desemprego em Pernambuco também. Meu pai começou a trabalhar no corte da cana aos 8 anos de idade, nesta fase já tinha perdido seu pai e ele era um dos responsáveis por garantir o sustento da casa. Diante dessa realidade, não

conseguiu se dedicar aos estudos, os poucos dias que frequentou a escola aprendeu apenas a escrever seu nome, mas os números ele sabia bem, afinal, durante todos os anos no canavial, aprendeu a contar, pesar, dividir e somar. Assim, saberia quanto iria receber no final do mês pelo árduo trabalho. Dessa forma, criou estratégias para se deslocar em São Paulo. Como ele pegaria ônibus e metrô sem saber ler? Os números e as poucas letras que conhecia do seu nome garantiram seus deslocamentos. E depois, já acostumado, não precisaria mais se preocupar. Minha mãe estudou até a antiga 4ª série do primário, o que lhe garantiu a pouca escrita e leitura. O suficiente para que em São Paulo não fossem enganados assim que chegassem e mesmo com a leitura e escrita, minha mãe não conseguiu emprego tão fácil, levou tempo até começar a trabalhar em casa de família. E nessas primeiras experiências de trabalho, ela se deslocava todas as manhãs com minha irmã, meu irmão e eu, até que conseguíssemos ficar em casa sem a necessidade de ir junto com ela para o trabalho.

Eu me lembro bem de duas casas que minha mãe trabalhou, eram bem grandes, me recordo que esperávamos o final do seu trabalho na garagem ou no quintal. E antes de sair de casa ela sempre repetia: não mexam em nada quando chegar lá, fiquem quietos. A gente obedecia, ficávamos quase invisíveis, não queríamos prejudicá-la. Imagina perder o trabalho? Mas quando minha mãe foi trabalhar na cozinha de uma escola municipal, a coisa ficou boa. Naquela época, a comida que sobrava podia ser dividida entre as pessoas que trabalhavam na escola, então, quase todos os dias, a gente tinha comida diferente em casa. Às vezes ela vinha em pote de sorvete, outras vezes vinha em sacolinha de mercado mesmo. Durante um bom tempo, foi a comida da escola que reforçou o jantar.

Dessa maneira, deslocar parece ter dupla significância e, assim como se muda de lugar para articular-se a algo, desarticula-se de outro. A mudança que gera essa desarticulação pode ocorrer por variados motivos, dentre eles: o próprio objetivo de mudar; o excesso de mudança ou o excesso de esforço para a mudança; a mudança forçada ou compelida. Esta última é o ponto com o qual se relacionam os macros deslocamentos obrigados, que constituíram a diáspora negra nas Américas sob a patente da dominação colonial (DEISE DE BRITO, 2019, p. 101)

Nesses deslocamentos, fomos agregando experiências, essas que não passam única e exclusivamente pelo lugar da dor e do sofrimento. As dificuldades foram transformadas pela minha mãe e pelo meu pai, em momentos de aprendizado. O fato de não ter acesso a livros, tvs e rádios, não impediu em momento algum, que ela e ele soubessem a importância da educação, de respeitar as professoras e professores e levar a sério o tempo na escola. Dentro de toda essa experiência, agregamos sorrisos, abraços e muitas histórias que passaram a contar também sobre nossas vidas. O mundo ficou maior com as vivências e os encontros que foram

acontecendo, mas também, com as estratégias para fazer o deslocar acontecer de maneira mais firme e segura.

“Não são os pontos de chegada ou saída que importam aqui, mas sim os passos percorridos entre um e outro.”

1.2 - Retornar para reencontrar-se

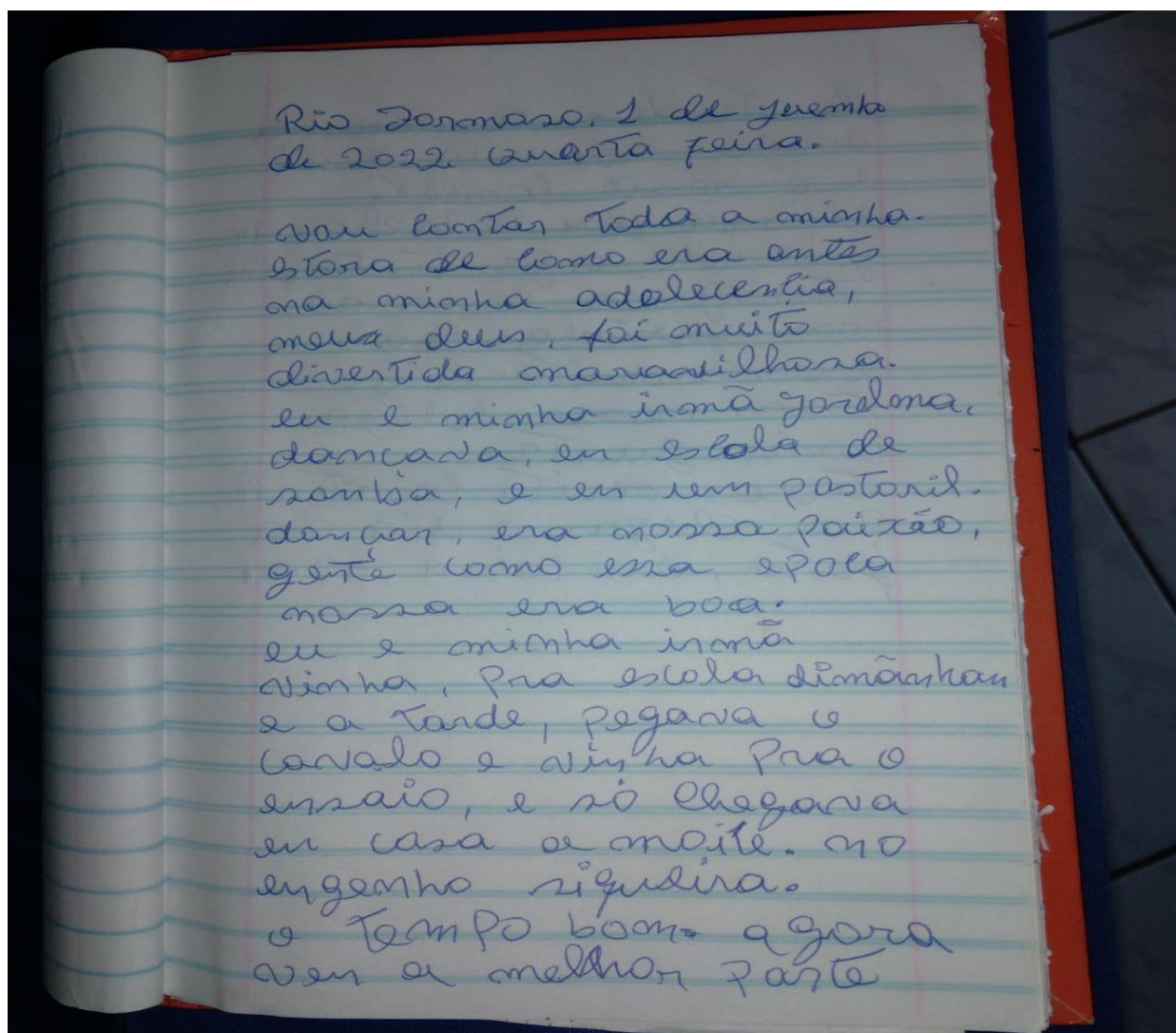
Figura 7 - Minha mãe na Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira, 2022.



Fonte: Robson (2022)

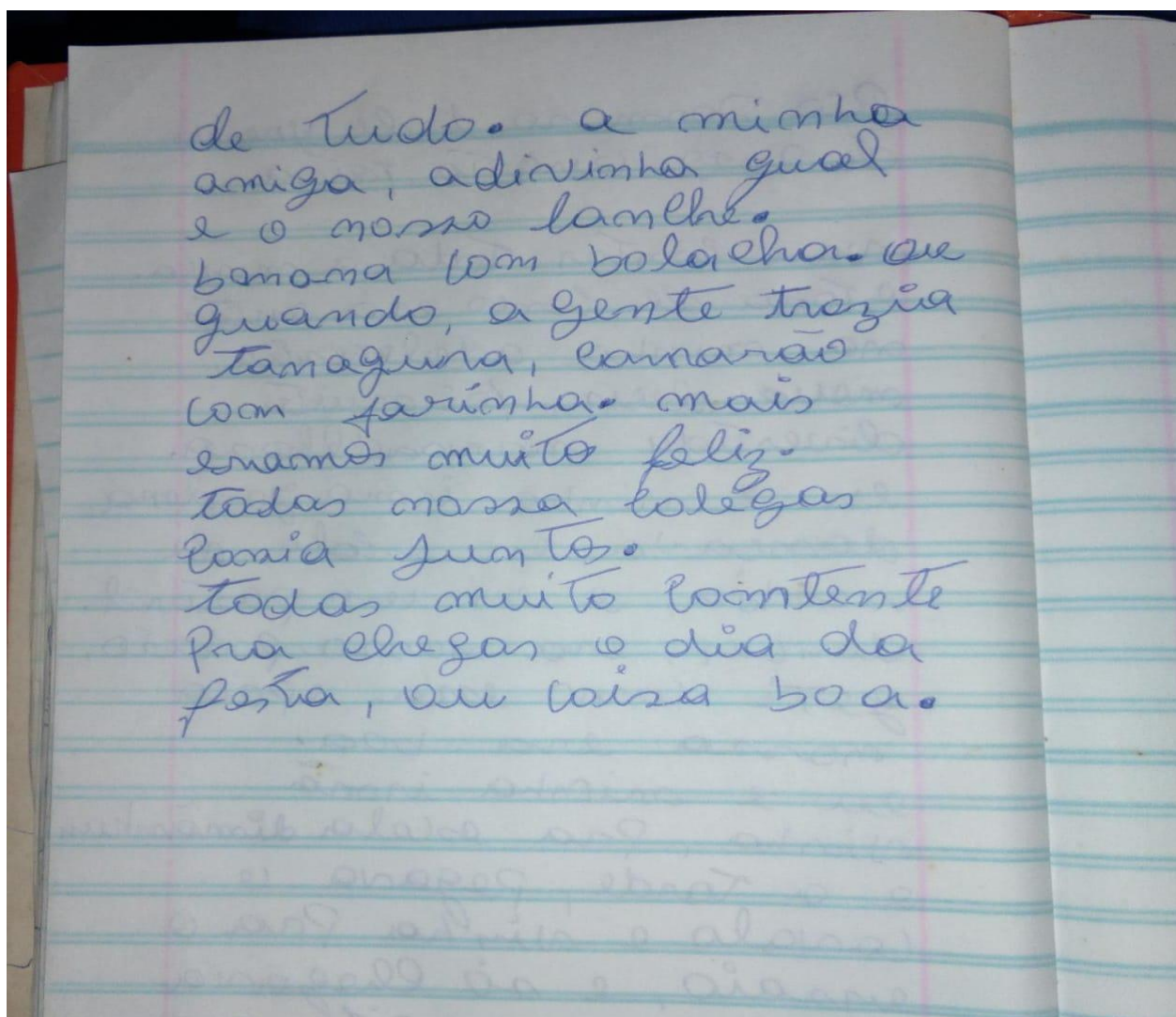
O relato que aparece no começo do princípio deslocar é da minha mãe Maria do Carmo ao retornar no Quilombo Engenho de Siqueira depois de dois anos. Eu pedi a ela que quando pudesse, fosse até lá para fazer algumas fotos já que minha ida à Rio Formoso não seria possível. Eu só não sabia que o meu pedido seria também um reencontro dela com ela mesma, gatilhos saudosos e cheios de amor. Ela me contou sobre a felicidade de voltar a Siqueira e sobre as lembranças da infância. E nesse reencontro, algumas histórias e lembranças ressurgiram, foi então que perguntei a ela se conseguiria escrever algumas histórias/lembranças em seu caderno. Minha mãe tinha o costume de algumas vezes escrever, receitas, textos. Eu sabia que fazia muito tempo que ela não dedicava um tempo a isso também. Então, uma das primeiras coisas que ela escreveu foi:

Figura 8 - Página do caderno da minha mãe Maria.



Fonte: Maria do Carmo (2022)

Figura 9 - Página do caderno da minha mãe Maria.



Fonte: Maria do Carmo (2022)

O retorno da minha mãe ao Quilombo de Siqueira, nos reapresenta a importância da convivência e das relações construídas neste lugar de liberdade e afeto. A partilha da comida é também o cuidado se apresentando através do alimento, daquilo que nutre e sustenta para então possibilitar a energia física e a força. O quilombo como força vital de mulheres e homens que (re) existiram, daqueles e daquelas que ainda estão e daqueles e daquelas que escolheram ou tiveram que se deslocar. Sobre quilombo, Beatriz Nascimento nos diz:

A importância dos 'quilombos' para os negros na atualidade pode ser compreendida pelo fato de esse evento histórico fazer parte de um universo simbólico em que seu caráter libertário é considerado um impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo. (2021, p. 109)

O abraço apertado da minha mãe em nosso tio Dédo, fez com que os dois fossem as lágrimas. É muito mais que um abraço, é o acolhimento e o pertencimento. É saber se entender também na outra pessoa e nas histórias de vida que se fundem. A ida ao Quilombo de Siqueira, oportunizou a minha mãe uma imersão, transbordando saudade e pertença. Afinal, quais memórias seriam reativadas com esse retorno? Quais sentimentos iriam se apresentar? Diante de alguns relatos feitos por minha mãe ao retornar ao quilombo, perguntei a ela como ela se sentia dançando, aproveitando o momento de reencontro com ela mesma e as experiências que estavam quietas em sua memória. Sua resposta fez com que eu fosse as lágrimas e a vontade era de poder abraçá-la. A distância tem nos impedido de ter esse momento de carinho.

“Eu me sentia muito feliz, alegre que era uma coisa que eu sempre gostei de fazer era dançar. Muito feliz! Junto com as minhas colegas, as meninas dançarinas. Era uma felicidade total, entendeu, mas é isso. Gostava muito, muito, muito. Era uma coisa que eu gostava muito de fazer era dançar, principalmente pastoril e na escola de samba essas coisas. Eu amava! ”.

E cantou:

“O azul é a cor do céu e também a cor do mar

Por isso aqui viemos o cordão azul cantar

O meu cordão é o rei do pastoril

Com a tumba vem se retirando

O lugar da bandeira é o nosso Brasil”

Beatriz Nascimento discorre sobre o quilombo como espaço simbólico no corpo em movimento e eu ousar acrescentar, em deslocamento. Pode um corpo deslocar? Beatriz nos responde. Ela, mulher negra nordestina, inquieta sobre a forma de pensar a história, não só incomodou e apontou equívocos, como fez história, tornando-se uma das principais intelectuais e referência do país.

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. (BEATRIZ NASCIMENTO, 2021, p. 166)

O Quilombo, que é essa organização de resistência, ensinou minha mãe e consequentemente a mim, sobre ser insistente. Entendo que a gente pode até sair do quilombo, pensando no espaço geográfico, mas o quilombo nunca sairá de nós com toda sua pedagogia e simbologia. Pois a forma de ver, pensar e estar no mundo, continuam dentro de uma perspectiva quilombola.

1.3 - Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira

Figura 10 - Sede da Associação da Comunidade Quilombola Engenho Siqueira



Fonte: Robson (2022)

A Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira está localizada no Município de Rio Formoso - Pernambuco, a 90 km da capital Recife. Até hoje, os/as moradores/as que lá estão, resistem e continuam com costumes e práticas assim como a brincadeira da La Ursa. A comunidade foi reconhecida como Quilombo em 2005, como mostra o documento do Ministério da Cultura. No Quilombo de Siqueira, algumas festividades ainda acontecem, como forma de resistência. Entendo esse movimento como uma das várias formas da resistência simbólica e existência dentro desse território. A Associação da Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira (Sede Amaro Ferreira de Paulo) foi fundada em 17 de junho de 1985 e carrega o nome do meu bisavô, pai da minha avó, a dona Maria José de Paula. Esta descoberta se apresentou para mim na escrita deste trabalho.

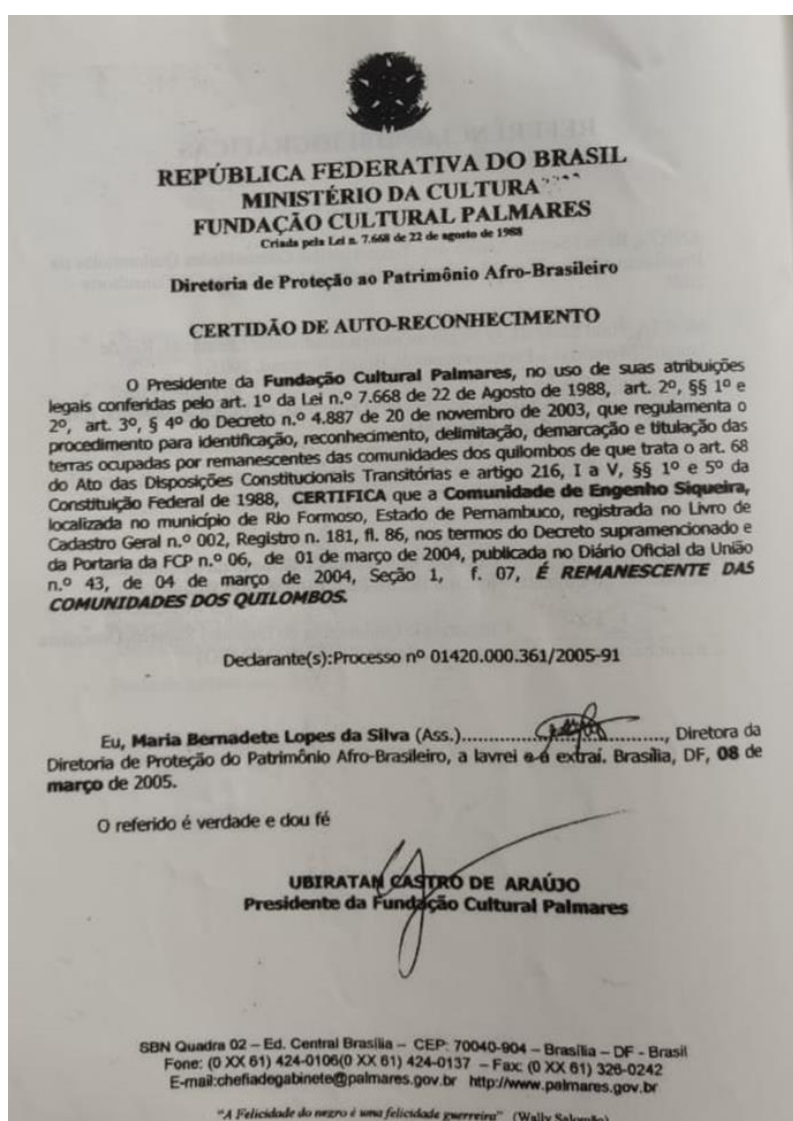
Em *“Uma história feita por mãos negras”* Beatriz Nascimento nos apresenta um panorama histórico e referência o surgimento do Quilombo do Jabaquara como um dos símbolos de redefinição de resistência. Além disso, Beatriz Nascimento nos ensina sobre como o quilombo é lembrado inclusive nas instituições escolares, sendo apresentados em livros didáticos aparecendo algumas vezes com personagens heroicos como Zumbi dos Palmares e nas manifestações populares a exemplo do samba.

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. (BEATRIZ NASCIMENTO, 2021, p. 166).

Nos momentos de escuta das histórias que minha mãe me contava, uma delas me chamou atenção. Ela relatou sobre uma vez em que se reuniu com minha tia e algumas colegas para bater em alguns meninos que as provocavam e xingavam. Em algumas situações, eu penso que é preciso reagir e se defender não somente com palavras, essas que se tornaram tão valiosas para mim, não foram suficientes para aqueles meninos que insistiam em ridicularizar minha mãe, minha tia e suas colegas de escolas. Pedi para minha mãe me contar novamente essa situação, não queria cometer equívocos com relação ao registro de alguns fatos. Mesmo sabendo que hoje, a memória da minha mãe pode não ser tão sincera com ela. Mas o fato é que, aquela situação ficou registrada, para ela e para mim. Minha mãe conta:

“Era quatro meninas, eles estudava na mesma escola da gente, no mesmo colégio que a gente estudava. Só que dentro da cidade, eles não xingava a gente não falava nada não. Quando eles ia pegar guaiamum, eles ficava pegando o lanche da gente, robando o lanche da gente, nos matos que a gente deixava escondido e ficava chamando a gente, apelidando a gente de nêga de siqueira do cabelo duro. Aí a gente meteu o pau neles, nos três, nos quatro. Eu e Noa e duas colega da gente. A gente pegou eles e deu uma piza danada no meio do caminho. Aí parou de xingar a gente, ficava xingando a gente de nega de siqueira e do cabelo duro e roubava o lanche da gente.”

Figura 11 - Certidão de Autorreconhecimento da Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira.



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988

Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro
CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade de Engenho Siqueira**, localizada no município de Rio Formoso, Estado de Pernambuco, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 002, Registro n.º 181, fl. 86, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s): Processo nº 01420.000.361/2005-91

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.)....., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei a-a extrai, Brasília, DF, **08 de março de 2005.**

O referido é verdade e dou fé

UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO
 Presidente da Fundação Cultural Palmares

SBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70040-904 – Brasília – DF – Brasil
 Fone: (0 XX 61) 424-0106(0 XX 61) 424-0137 – Fax: (0 XX 61) 328-0242
 E-mail: chefiadegabinete@palmares.gov.br http://www.palmares.gov.br

“A Felicidade do negro é uma felicidade guerreira” (Wally Salomão)

Fiquei alguns dias me perguntando o motivo por ter escolhido a imagem do documento de autorreconhecimento do Quilombo de Siqueira e por algum motivo eu insisti em deixá-la. Dei continuidade à escrita e ao retornar aqui, eu falei em pensamento *“você ainda está aqui e não tenho vontade de te tirar, porquê?”* Diante de tantos apagamentos e tentativas de nos arrancar da história, é importante ser reconhecida/o/e e ser vista/o/e. É importante ter o nosso território registrado e documentado, assim, garantiremos mais uma forma de acesso às histórias de muitas mulheres e homens que vieram antes de nós. Esse documento, conta sobre tudo, todas e todos que ainda residem e resistem no Quilombo de Siqueira.

Algumas imagens me vêm à cabeça, não sei dizer se é algo que eu realmente vivi, ou se de tanto ouvir as histórias sobre a La Ursa, acabei por criar esses momentos que são tão presentes em mim. O fato é que mergulho nessa brincadeira e na imaginação que as narrativas me proporcionam, confundir-se e transitar entre o real e o não real, acredito que esse é um dos encantos em ouvir histórias. Eu lembro que nós não morávamos no quilombo quando eu vi a La Ursa pela primeira vez. Aquele som estridente, o canto forte que se repetia: “a La Ursa quer dinheiro, quem não der é piranguero”. Corria para dentro de casa chorando com medo daquela máscara assustadora e aquela roupa larga que não dava para ver quem estava por debaixo dela. Meu irmão, que era um pouco mais velho, correu para debaixo da cama, enquanto meu pai falava para tentar nos acalmar que era só uma fantasia. Tempos depois, nos acostumamos a ver aquela criatura esquisita que batia de porta em porta cantando e dançando com várias pessoas ao seu redor. E de porta em porta o bloco aumentava, com as pessoas que estavam à espera da La Ursa para poder saírem juntas em cortejo pela cidade.

Aloísio, era um dos responsáveis pela organização da brincadeira da La Ursa, assim conta Dédo no documentário produzido por Hállida Araújo “Brinca mais eu” de 2022, disponível no YouTube. Ele relata sobre todas as pessoas dos arredores que iam até Siqueira para brincar a La Ursa, ou simplesmente para vê-la passar nas ruas da cidade de Rio Formoso. Aloísio é irmão de Dédo e não mora mais no Quilombo de Siquera. Dédo que até hoje vive em Siqueira, não brinca mais com a La Ursa, mas se recorda muito bem de todos os carnavais e do envolvimento das pessoas do Quilombo para poder colocar o bloco na rua.

A La Ursa, é uma dança/brincadeira carnavalesca, muito tradicional em Pernambuco. Também conhecida como agremiação ou bloco. A dança consiste em vestir-se com roupas e máscaras, tendo como personagem principal o urso que realiza movimentos corporais que são acompanhados por instrumentos de percussão e cantos. A La Ursa de Siqueira é composta por

parte feminina e masculina - o urso e a ursa -, além dos outros personagens que compõem a brincadeira, como o caçador e o domador. Foi fundada em 1958 pelo senhor Salu, sendo considerado o bloco mais antigo da cidade de Rio Formoso. Existem algumas narrativas sobre a origem da brincadeira da La Ursa, tendo iniciado como cortejo e outras versões dizem que surgiu como brincadeira. O fato é que no Quilombo de Siqueira mantem-se o princípio do brincar. Em 2022, a brincadeira da La Ursa, foi considerada símbolo do carnaval pernambucano.

Como forma de resistência, os moradores e moradoras do Quilombo de Siqueira fazem questão de continuar com a tradição, mesmo diante das dificuldades enfrentadas sobretudo pela pandemia. Relatam inclusive que para fazer os ensaios, precisam pegar emprestado os instrumentos musicais da prefeitura da cidade. A professora Maria José, relata no documentário, sobre a importância do ensino da cultura da La Ursa como forma de valorização e preservação da manifestação para a comunidade quilombola. Reforça também em sua fala, sobre a necessidade da escola trabalhar em parceria com a comunidade e a comunidade em parceria com a escola, fortalecendo o diálogo e a permanência da tradição. Porque é isso, as coisas não estão separadas, elas dialogam e compõem uma estrutura social.

Ao longo da pesquisa sobre a La Ursa de Siqueira, fui descobrindo pessoas da minha família. Aloísio e Dédo, pessoas que cito no início desse texto, são tios da minha mãe, logo os chamo de tio também. A partir daí, fui reencontrando primos, mesmo que através do documentário que não vejo há muitos anos. E como esse trabalho acadêmico não é só meu, é de muitas e muitos, fomos nos reconectando e meu primo Robson gentilmente compartilhando imagens para compor esta pesquisa. Robson é uma das pessoas responsáveis pela continuidade da brincadeira. Até hoje ele organiza e aguça as pessoas para garantir que o bloco esteja na rua em todos os carnavais. Por isso a fala e o trabalho da professora Maria José são tão importantes, pois tem como objetivo garantir a continuidade da tradição. Acredito também, que esse poder de reencontrar pessoas, seja uma das funções do Quilombo, se fortalecer mutuamente mesmo estando longe. Eu não estou só, são muitas pessoas escrevendo este trabalho. Fui descobrindo o papel importante de algumas pessoas da minha família no trabalho insistente para fazer com que a brincadeira não se acabe. Afinal, essa brincadeira vem de muito longe.

*“A la ursa vem de longe pra brincar o carnaval.
Mas a la ursa não tinha roupa, eu trouxe ela enrolada na estopa.”*

Figura 12 - Bloco da Laursa de Siquera.



Fonte: Robson (2022)

1.4 - Na cozinha de casa: lugar-afeto

Dessa forma e a partir das histórias ouvidas e também vividas é possível pensar uma pedagogia antirracista, acolhedora e libertadora. Partindo dessas vivências e experiências, possibilitar aos estudantes uma outra forma de ser e estar em sala de aula. As individualidades do grupo que se formam em sala com toda sua multiculturalidade, são instrumentos poderosos de transformação. Assim, as narrativas que são escutadas dentro da casa de cada aluno e aluna, se transformam em conhecimento compartilhado possibilitando troca e reconhecimento entre elas e eles. Cabe a professora e ao professor, ter uma atenção plena e colocar em diálogo todas as experiências que são apresentadas dentro do espaço da sala de aula. Posso também chamar de lugar-afeto, este espaço onde algumas particularidades muitas vezes são confidencializadas. Me encontrei com Milton Santos e ele disse:

Mas a noção de intencionalidade não é apenas válida para rever a produção do conhecimento. Essa noção é igualmente eficaz na contemplação do processo de produção e de produção das coisas, considerados como um resultado da relação entre o homem e o mundo, entre o homem e o seu entorno. (2011, p. 90)

Estar disposta/o/e a essa relação é também se permitir a contemplação do que se apresenta na cozinha de casa e na sala de aula. Atravessada pelo que Milton Santos traz em relação ao espaço e a paisagem ousei-me apresentar e chamar a cozinha de casa aqui neste trabalho de *lugar-afeto*. Pensar o lugar que está preenchido por sentimentos e sentidos, como é a cozinha, espaço onde as relações mais sublimes são apresentadas, assim como em um café feito, um almoço de domingo e também a ausência dele. Houve um período já em São Paulo em que minha família e eu, não tínhamos de fato uma cozinha. O cômodo em que moramos no fundo da casa da minha tia, era tudo e não somente a cozinha. Então, a partir do momento em que passamos a ter esse espaço, ele passou a ser também lugar de encontro. O espaço geográfico é muito mais do que simples oferta de caminhos, ainda que também seja isso (MILTON SANTOS, 2011).

Ao fazer uma busca pelo significado de afeto, a gente se depara com definições como: afeição por pessoa ou animal; amizade, paixão, um objeto ou lugar. Só que para mim é a manifestação da própria ideia de pertença, de ser e existir. É algo que transcende o querer bem. Quando eu entendi que foi na cozinha de casa que eu me reconheci de fato uma pessoa negra e quando reconheci esse lugar como sendo eu, tive a certeza que não há como falar sobre mim e de mim, sem me referir ou lembrar dela.

Nas religiões afro brasileiras, a cozinha é também sala de aula, é nela que os alimentos a serem oferecidos aos orixás são preparados, mas antes disso, aprendidos. Nos candomblés a cozinha é lugar sagrado, mágico, encantado, é lugar de poder. É nesse lugar-afeto que se prepara o que será celebrado e compartilhado com as pessoas que visitarão o festejo público, é a partir desse lugar que as pessoas serão agraciadas com o alimento sagrado da ancestralidade.

No texto “Arquitetura e Contracolonialismo” Antônio Bispo dos Santos (2023), nos apresenta a dinâmica de encontros que acontecem na cozinha, assim como quem a lidera sem precisar dizer uma só palavra. Antônio Bispo dos Santos me certificou dos encantos deste lugar que apresento aqui como lugar-afeto.

A cozinha é o melhor lugar na arquitetura quilombola, o mais necessário e bem cuidado. Se alguém chegar à minha casa e ficar na sala, ninguém vai receber essa pessoa na sala. Não existe isso para nós, todo mundo vai para a cozinha! A arquitetura é pensada também em função da comida. A comida organiza a festa, organiza a recepção, tudo se organiza em torno da comida. Quando fazemos arquitetura, pensamos na comida e na festa, nas formas compartilhadas de vida. (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 63-64)

Assim como o alimento para saciar a fome, na cozinha também podemos aprender as artimanhas dos venenos, é nela que encontramos as facas, instrumentos poderosos de corte e o vidro, encontramos também o sal e a pimenta, especiarias que podem acabar com uma comida feita. A cozinha pode ser um espaço confortavelmente perigoso, sendo fácil encantar-se por ela e perder-se nela.

Figura 13 - Minha mãe e eu na cozinha da casa do Rochdale,



Fonte: Gil Santos (2020)

Os conhecimentos são como orixás, forças cósmicas que montam nos suportes corporais, que são feitos cavalos de santo; os saberes, uma vez incorporados, narram o mundo através da poesia, reinventando a vida enquanto possibilidade. (LUIZ RUFINO, 2019, p. 09)

Esse registro feito na cozinha da casa do Rochdale, faz transbordar água do meu corpo, que saindo pelos meus olhos faz com que eu não esqueça dos meus primeiros aprendizados em dança e no antirracismo. O lugar-afeto, que por alguns anos foi meu espaço de empoderamento e resistência, onde com o cheiro da comida sendo preparada eu aprendia mais sobre mim e todas as pessoas da minha família. Nunca me senti em uma obrigação para estar nela, sempre foi de fato um querer meu, uma vontade de eternizar os momentos vividos neste espaço. Saboreei de fato os aprendizados, essas forças cósmicas como aponta Luiz Rufino, e me encantei com as possibilidades. O mangue e o canavial são lugares de encantamento e a cidade de Rio Formoso é rodeada deles. Foi na cozinha que escutei as histórias do Pai do Mangue e da Comadre Fulôzinha, histórias e coisas vividas por minha mãe e meu pai. Durante o processo da escrita deste trabalho, pedi para que me recontassem algumas histórias, agora não mais na cozinha da casa do Rochdale, já que ambos moram em Pernambuco. As ligações por vídeos e mensagens de áudio, possibilitaram esse recontar e (re) escutar. Então, na cozinha da sua casa em Rio Formoso minha mãe me conta:

“Meu Deus, não gosto nem de lembrar, foi um terror e muito susto também. Um certo dia a minha mãe me chamou para ir no mangue pescar camarão. Era uma tarde depois que cheguei da escola. A minha mãe entrou dentro no rio, era uma ponte dentro do mangue. Sim, pois bem, eu fiquei na beira do rio e ela foi pra água. Eu falei pra minha mãe, estou escutando um barulho e comuniquei a ela, e ela disse pra mim é gente pescando por aí, depois escutei de novo e tava bem perto quebrando no mangue, eu já estava ficando com medo. Eu abaixei perto dela e disse, mãe estou vendo um homem muito feio com muito gererês nas costas, de boné, bota e o olho de fogo, horroroso e pequeno, mas minha mãe não acreditou em mim, porque não era para ela ver ele, só que só eu que vi. Derramei os camarão todos e sai correndo. Chegando no caminho, desmaiei e ela pediu socorro. Só acordei em casa, só assim ela acreditou em mim. Essa é uma história verdadeira e real do pai do mangue.”

Entre as histórias da Comadre Fulôzinha e do Pai do Mangue, mais narrativas de dança foram surgindo e minha mãe compartilhando-as comigo. E mais uma vez conversamos nas nossas cozinhas, eu em São Paulo e ela em Pernambuco. Conectadas pelo lugar-afeto, fomos nos encontrando com frequência. Em alguns desses encontros, tomamos café e almoçamos, assim como fazíamos quando estávamos juntas na cozinha da casa do Rochdale em Osasco. Nossos encontros eram tomados por lembranças e recordações e sem nos permitirmos deixar a emoção acontecer. Nos nossos encontros, aproveitava para falar com minha mãe sobre como eu desejava que as pessoas tivessem tido a oportunidade de ouvi-la e aprender com ela. Eu falava também, do desejo de ver a escola respeitando a linguagem da dança e se propondo a realizar um trabalho com compromisso. Nesse momento, perguntei para minha mãe o que mais ela lembrava da época em que dançava.

“São muitas histórias, uma melhor do que a outra e engraçada também, mas eu e a minha irmã Joselma gostava muito, sim! O nome do tema do bloco do carnaval era Bola de Ouro de Adalgisa. A casa dela era perto da entrada de Siqueira. Já era uma idosa, mas muito animada, uma disposição e tanta. Começava a ensaiar um mês antes do carnaval começar.

O bom disso, era que ela colocava as meninas para ajudar com os figurinos. Era uma animação só. Eita coisa boa! Depois era a hora do lanche, pão doce com tubaína quente que não tinha geladeira. Tudo muito simples, não tinha mesa e nem cadeira, todas sentavam no chão. Com muita alegria. No dia do carnaval era maravilhoso, um sorriso só. O povo amava e aplaudia.”

E eu desejava (re) escutar mais e me reconectar com o lugar-afeto que me trouxe as primeiras aprendizagens e relações com as manifestações pernambucanas. Desejo fechar os olhos e sentir os cheiros como se naquele momento a comida estivesse sendo preparada, e eu me perdesse entre cheiros e palavras. Continuando nossas várias conversas através do celular, minha mãe me recontou a história da comadre Fulôzinha. Só que essa, vivida por meu pai. Ele inclusive, me questionou sobre a importância de ouvir de novo todas essas histórias antigas, como ele mesmo fala. Me perguntando se alguém ia querer ouvir. Então disse a ele que as pessoas não iriam somente ouvir, que as pessoas iriam ler. Que a história que ele me contou

na cozinha de casa, seria escrita e publicada para que não se perdesse. Sobre a Comadre Fulôzinha, eu ouvi:

“A Comadre Fulôzinha é uma moça muito bonita, parece uma princesa, mas muito perigosa e traiçoeira. Um certo dia, seu pai trabalhava cortando olho de cana³ para os gado. Quando ele olhou, ela estava no canto da mata, ele se assustou e saiu correndo com muito medo. Não se engane, ela amarra o cabelo das pessoas na mata, ela some com as pessoas na mata e ela bate nos cachorros e enrola os cabelos do povo. Ela fuma cigarro e desaparece também tocando terror na mata. Ela enrolou o cabelo da minha prima de Siqueira com tiririca⁴, foi triste. Os caçadores vão caçar e só mata os bichos se ela quiser. Ela toca terror. ”

Aprender através da escuta e do olhar, os ensinamentos na oralidade que se não estivermos dispostas/os/es a ela, muitas coisas simplesmente passarão, sem nos atravessar, inquietar e encantar. É preciso aprender com quem veio antes de nós e, sobretudo, ter contato com saberes outros que não estão registrados em livros. Dessa forma, entendo também a responsabilidade que tenho ao aprender ouvindo e vendo minha mãe na cozinha de casa. Essas histórias e causos, fazem parte da minha formação e do meu entendimento como educadora dentro de uma perspectiva antirracista. Histórias contadas e vividas por uma mulher negra quilombola e por um homem não negro e não alfabetizado. E ouvindo essas narrativas, aprendi sobre a relação com a natureza, sobre pedir licença ao entrar na mata, no mangue e respeitar a vida presente nessas atmosferas. Tem um trecho na história da Comadre Fulôzinha que essa relação está bem explícita: *os caçadores vão caçar e só mata os bichos se ela quiser*. É isso, são seres encantados da natureza nos ensinando e dizendo de que forma devemos entrar e sair. É um diálogo entre as forças das culturas afro-brasileiras e as culturas indígenas. E o que fazer com todo esse aprendizado? Escrever, contar, narrar, dançar e ensinar.

Ao contar e narrar histórias, minha mãe pratica comigo a *pretagogia*⁵ (SANDRA PETIT, 2016). Esse conceito ao qual me identifico, tem como abordagem e foco principal as

³ Se refere a cana ainda pequena, sem seu crescimento total.

⁴ Mato cortante que é muito comum nos canaviais.

⁵ Conceito de Sandra Haydée Petit, professora da Universidade Federal do Ceará. A pretagogia prioriza a experiência de si e de outros por meio do autorreconhecimento e dos valores das culturas africanas, sendo articuladas à transversalidade e à transposição didática.

experiências priorizadas de si e dos outros, com base nos valores afro diaspóricos que tem como princípios por exemplo, o reconhecimento e o entendimento do lugar social do negro, o corpo como produtor de saberes, autorreconhecimento e tradição oral, entre outros. Dessa maneira, na cozinha de casa, minha mãe exerceu uma *pretagogia*, imersa em valores e na pertença. No lugar-afeto, meu corpo aprendeu com os cinco sentidos atentos e dispostos, pois eu vi minha mãe realizando movimentações de dança que há tempos não fazia, sentia o cheiro da comida sendo preparada - muitas vezes era o cuscuz, o peixe, a macaxeira, a batata doce, a tapioca que preenchiam o lugar -, ajudava no fazer do alimento ou lavava a louça enquanto ela terminava de cozinhar, me perdia no tempo ao sentar à mesa com ela e quanto eu me satisfazia com a comida, ouvia as histórias que contava.

O que Sandra Petit (2016) nos propõe com a *pretagogia*, é exatamente o que eu vivenciava com minha mãe na cozinha de casa. E é algo que podemos pensar e realizar ao chegar em uma sala de aula. Assim, é preciso estar pronta/o para saber o que fazer com tanta riqueza transbordando. E poder se enfeitar dela, se vestir dela, alimentar-se dela e deixar iluminar o mundo, assim como o brilho e a doçura de Oxum. E acreditando nesse enfeitar-se, vestir-se e alimentar-se que levo comigo para a escola e para a sala de aula a cozinha de casa, o Quilombo de Siqueira lugares-afeto de resistência, empoderamento e que reconheço como espaços de aprendizagem.

Figura 14- Sede da Associação Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira



Fonte: Nitiren Queiroz (2023)

Precisei retornar para me (re) entender. Celebrei e agradei pelo momento de reencontro com a Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira. É difícil falar sobre os sentimentos que me envolveram no retorno ao meu território. Em meu coração uma certa tristeza por também não ter tido a oportunidade de crescer e brincar nessa terra. E fiquei imaginando como teria sido, tornar-me adulta se tivesse tido a oportunidade de tomar banho no rio, comer a fruta diretamente do pé, brincando com a La Ursa e me relacionado com todas as pessoas e parentes do quilombo. Essa tristeza foi e ainda é amenizada pelas tantas histórias que ouvi da minha mãe e do meu pai, por tudo isso e inclusive pela ausência é uma poderosa energia poder pisar no chão de onde vim.

2 - PRINCÍPIO ATERRAR

Figura 15 - Apresentação no Festival de Curimba Aldeia de Caboclos



Fonte: Junior Nascimento (2013).

A dança afro-brasileira tem como base nas suas movimentações a conexão entre terra e céu, o encontro e o equilíbrio entre esses dois espaços e tempo é fundamental. É muito comum ouvirmos em aulas de dança afro, professoras e professores pedindo para “firmar os pés, abrir os dedos”, e também deixar o quadril “encaixado”, joelhos flexionados, porque é isso, é a força que vem da terra, que começa nos pés e toma todo o corpo, criando relações outras com os movimentos e gestos que têm como referência os orixás. Quando eu opto por trazer essa palavra e essa relação aqui para este trabalho, é justamente para dizer como eu me conecto com a arte, a escola, a educação e crio outros sentidos através desses fazeres que eu entendo como um só.

Para continuar caminhando, Oxóssi precisa ter a certeza que o chão está firme, assim ele pisa com um dos pés duas vezes antes de avançar na caminhada com segurança. Aterrar é se conectar e ter a certeza da firmeza do chão que estou pisando para então seguir, assim como Oxóssi me ensina. Ficar na espreita, observar, ter dúvida antes de se entregar ou tomar uma atitude. Oxóssi, orixá do conhecimento nos alerta com sua sabedoria, sobre como pisar em terrenos, terreiros e chãos. Dessa maneira, fui pisando no chão da escola e a cada passo me sentindo segura para aos poucos aterrar e me sentir de fato conectada. A espreita é consciente e estratégica.

A partir de algumas experiências de aulas com estudantes, situo sobre pesquisas e práticas tanto no contexto escolar como fora dele e como essas práticas podem referenciar para outros aterramentos acontecerem no chão da escola. As ações com a Revista Empoderar, organizada por professoras e professores e estudantes da escola, na qual sou responsável e a enxergo como resistência dentro da escola, são fundamentais para que meu sentimento de aterramento exista e se fortaleça. Tendo como referência a professora bell hooks, para pensar sobre uma educação libertadora e realmente transformadora, compartilho o processo do ensaio fotográfico da Revista Empoderar, onde estudantes são personagens principais. Neste capítulo, trago também a reflexão sobre a formação de professoras/es/es dentro das discussões da educação para as relações étnico-raciais, já que essa abordagem não pode ou não deveria ser entendida como exclusiva de docentes negras/os/es. Além disso, me disponho de forma inquietante a traçar uma reflexão sobre o antirracismo a partir dos povos originários.

2.1 - Revista Empoderar

Nenhuma transformação é possível se não houver movimento. Nesse sentido, a revista Empoderar surge para movimentar as estruturas da Escola Estadual Professor Newton Espírito Santo Ayres. Quando surge em 2015, a Empoderar não podia imaginar quais caminhos a esperavam, foi uma demanda vinda da Secretaria de Educação sobre ações envolvendo a Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER+), mas sobretudo uma vontade vinculada à inquietação de três docentes. Essa inquietação fez com que a primeira edição da revista fosse publicada em 2016. E o caminho não foi tranquilo, no meio dele encontramos discursos racistas e preconceituosos, tentativas de boicote com o não envio das atividades e ainda uma escola inteira para organizar o lançamento da primeira edição dessa ação tão intensa e necessária.

Em 2015, o professor Ivo Dias, que na época lecionava Sociologia, participou de uma Orientação Técnica (O.T) na Diretoria de Ensino de Osasco (D.E), onde foi solicitado ações que envolvessem as discussões acerca da ERER+, essas ações deveriam futuramente ser compartilhadas/evidenciadas para a D.E. Essa demanda, veio ao encontro de situações que a escola já estava vivenciando em relação às manifestações de preconceito, essas que toda equipe docente e gestora já havia entendido como urgentes, mas sem iniciativas concretas. Ao socializar as discussões e referências da O.T, o professor Ivo propôs a realização de uma revista e diante da proposta a escola deveria se organizar para concordar com o que ele propôs ou pensar em outra ação. Após alguns momentos de conversa, o professor Renato Silva e eu, nos juntamos ao professor Ivo para iniciar a ação com a revista, que até aquele momento não tinha nome.

O primeiro passo, foi pensar sobre o objetivo da revista e como gostaríamos de organizar as ações, fizemos alguns encontros na escola para estruturarmos. Depois de alguns diálogos, percebemos que não sabíamos nem por onde começar a edição e design de uma revista. Mas antes resolvemos fazer uma votação para a escolha do nome, realizamos um levantamento de títulos possíveis com a equipe docente que atendessem a especificidade da ação. Nós três nos organizamos nos três períodos da escola, passando de sala em sala falando sobre o projeto e seu objetivo e depois dessa explanação realizamos no segundo momento a votação do nome. Com o processo de escolha concluído, iniciamos o movimento para conseguir parcerias e colaborações para além da escola.

Cada tópico da revista foi pensado ao longo do processo por Renato, Ivo eu e socializado sempre em momentos de ATPC com toda equipe, era a oportunidade para agregarmos ideias, repensar ações e colocarmos a identidade da escola. Sabíamos que na edição precisaria ter um ensaio fotográfico e foi a partir dele que os outros temas foram sendo pensados. Os ensaios foram pensados com base em uma demanda que a escola tinha para discutir e resolver em torno das Relações Étnico-Raciais e outros marcadores sociais.

Durante o processo de organização, resolvemos criar um blog para divulgar as ações da revista, mas também referências textuais, artísticas de outros espaços e instituições. Atualmente o blog está sem atualizações. Pensamos também na montagem de uma equipe editorial, para dar sequência com a Empoderar, agregando docentes, estudantes e comunidade. Infelizmente essa equipe só foi de fato criada em 2020 e em 2021 onde recebemos três alunas para compor o grupo editorial, ficando responsáveis pelas redes sociais.

No final de 2015 realizamos na escola um pré-lançamento da revista, com muitas dificuldades e falta de apoio da direção escolar. O professor Ivo não estava mais entre o grupo de professores, pois tinha ido se dedicar ao doutorado. Então, Renato e eu tomamos a frente da organização do pré-lançamento e realizamos roda de conversa, oficina de turbante e exibição do documentário “Vista Minha Pele” para aprofundar a importância da criação da Empoderar e da implementação da Lei 10.639/03. Em 2016, no retorno das férias escolares, eu já estava grávida da Odara e realizei a apresentação da revista e os objetivos dela no momento de planejamento e ATPC, pois a escola tinha recebido novas professoras e professores. Neste momento informei o e-mail da revista para que a equipe docente pudesse encaminhar os trabalhos desenvolvidos ao longo do ano com suas turmas. O objetivo era fazer o lançamento da segunda edição em novembro de 2016.

Em agosto de 2016 entrei de licença maternidade, Odara estava prestes a chegar. O meu retorno foi em março de 2017 e para minha surpresa a segunda edição da revista não tinha sido elaborada e muito menos lançada. Durante o meu período de licença, as ações com a Empoderar e com a 10.639/03 ficaram paradas, o que para mim era uma situação de alerta e também de posicionamento não verbalizado da escola. No meu retorno, solicitei um espaço no planejamento e rerepresentei a primeira edição da revista e intensifiquei minha fala em relação a Lei 10.639/03. Nessa ocasião, Odara estava comigo e com ela nos braços, fiz a apresentação sobre a EREER+.

Figura 16 - Replanejamento na Escola Newton.



Fonte: Maurício Araújo (2017)

Esse registro que foi feito pelo meu companheiro de profissão e luta, o professor de História Maurício Araújo, é muito importante e potente para mim. Mesmo com a baixa resolução da imagem, é possível ver uma mãe, com uma criança no colo no ambiente de trabalho. É potente, pois ela apresenta na prática as dificuldades sobre maternar-trabalhar-pesquisar-criar, tudo isso junto sendo vivido com o puerpério. Ali, retornando de uma licença maternidade e depois de ter passado por uma atribuição de aula extremamente dolorosa, onde fui obrigada a “pegar” aulas noturnas, eu já estava ensinando minha filha com meses de vida sobre a importância das discussões raciais e também sobre resistência. Alimentei minha filha com meu leite e ainda alimento com minha teimosia em fazer da escola pública, uma escola mais acolhedora e respeitosa. O momento do meu retorno, seria o início de um ano letivo extremamente desafiador, mas sobretudo com muita vontade de fazer diferente.

Ao longo do ano de 2017, Odara me acompanhou em ATPCs e planejamentos. Além disso, esteve presente no ensaio da segunda edição da Empoderar, onde em uma manhã de sábado, ela ainda pequena acompanhou o processo de teimosia da sua mãe, em dar

continuidade às ações da revista e todas as discussões envolvendo a EREER+. Passado esse ano letivo e com uma outra direção à frente da escola, Odara e eu passamos a ser mais acolhidas e a dinâmica com uma criança pequena em casa também, afinal, a diretora que assumiu a escola pode ter se reconhecido em mim. Depois de algum tempo, ela compartilhou comigo que também precisou levar seu filho para a sala de aula por um período e que entendia muito bem a situação. O que é o ambiente escolar, se não um ambiente de acolhimento também para mães e suas crianças?

Figura 17 - Primeira edição da Revista Empoderar.



Fonte: Revista Empoderar (2016)

Essa é a capa da primeira edição da Empoderar, tendo como protagonista a estudante Larissa Costa que na época estava na segunda série do ensino médio no período noturno. Optamos por fazer um convite direto à Larissa para ser a modelo da primeira edição. Na época, Larissa carregava consigo questões em relação ao próprio corpo e na escola tínhamos muitas questões sobre auto aceitação e gordofobia entre a equipe discente e até mesmo docente com comentários que colocavam em um lugar de ridicularização os corpos gordos e negros. Comentários que surgiam com tom de deboche, discursando padrões eurocêtricos e cristãos.

Após uma conversa com a Larissa, ela ficou de falar com sua mãe sobre a possibilidade de estar na capa de uma revista, sua mãe achou que o convite seria a oportunidade para Larissa de perceber-se inteira com sua potência e suas formas. Combinamos o dia para fazer as fotos e escolhemos o parque Villa-Lobos. Acompanharam a sessão fotográfica, a figurinista Gil Santos que produziu os figurinos com recursos próprios, acreditando na potência do trabalho, a fotógrafa Dalila D'Cruz que também produziu as fotos com seus próprios recursos, a mãe da Larissa a dona Ailza Márcia e eu. Me lembro da dona Ailza falando do quanto ela estava emocionada ao ver a filha sendo fotografada, o quanto aquele trabalho estava sendo importante. As palavras dela foram suficientes para que eu me encorajasse ainda mais e me mantivesse aterrada no chão da resistência.

Figura 18 - Ensaio fotográfico da primeira edição da revista empoderar



Fonte: Revista Empoderar (2016)

Figura 19 - Ensaio fotográfico da primeira edição da revista empoderar



Fonte: Revista Empoderar (2016)

É lindo demais ver a Larissa assim inteira numa capa de revista. Sem edições ou recortes, ela com toda sua potência. Nós meninas e mulheres negras precisamos nos acostumar a nos ver em capas de revista, e através da nossa imagem ser referência para outras meninas e mulheres. Quantas vezes você se viu assim, inteira?

Figura 20 - Ensaio fotográfico da primeira edição da revista empoderar



Fonte: Revista Empoderar (2016)

O texto que encerra a primeira edição, traz uma reflexão sobre o candomblé, ele foi escrito pelo professor de Língua Inglesa e líder religioso Gustavo Barros também conhecido por Bábálorixá Tatto de Òsòòsì. Lá em 2015, já identificávamos a necessidade de trazer esse tema para diálogo e ampliar as discussões sobre a potência da cultura afro brasileira e africana na construção da nossa sociedade. Com esse breve texto colocamos no mundo uma das nossas inquietações que reverberavam também em sala de aula.

Figura 21 - página da primeira edição da revista



Fonte: Revista Empoderar (2016)

Além disso, essa publicação contou com entrevistas feitas por estudantes, as professoras e pesquisadoras Katucha Bento e Claudia Regina Vieira. Na época, Katucha cursava doutorado em Sociologia pela University of Leeds (Inglaterra) e Claudia era doutoranda em Educação Especial pela Universidade de São Paulo. A entrevista completa pode ser acessada nesta primeira edição.

Figura 22 – páginas da primeira edição da revista, 2016.

ENTREVISTA

Quebrando tabus: "Sou mulher, negra e acadêmica"

Matéria de: Ivo D. Alves

Após se tornar a primeira negra a ganhar o Emmy de melhor atriz em série dramática em 67 anos Viola Davis deu visibilidade a uma questão que cerca o mercado de trabalho (aqui o televisivo americano) a falta de oportunidade para mulheres negras. Em seu emocionante discurso, na premiação ela citou a ativista negra Harriet Tubman (1822 — 1913), conhecida como Black Moses: — "Em meus sonhos e visões, eu via uma linha, e do outro lado da linha estavam campos verdes e floridos e lindas e belas mulheres brancas, que estendiam os braços para mim ao longo da linha, mas eu não poderia alcançá-las". Deixem-me dizer uma coisa: a única coisa que separa as mulheres negras qualquer outra pessoa é oportunidade. Nessas entrevistas feita por alunos do período noturno do colégio Newton vamos apresentar mulheres que através de muito trabalho tiveram oportunidade e ter pessoas que acreditaram em seus trabalhos, assim vem se destacando em suas áreas de atuação no meio acadêmico um lugar elitista, machista e eugenista mostrando que competência, não tem gênero, classe social ou cor.

As entrevistadas são Katucha Bento, socióloga formada pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Mestre em pela Universidade de Barcelona (Espanha) e doutoranda em Sociology and Social Policies University of Leeds (Inglaterra) e Claudia Regina Vieira, pedagoga pela Universidade Estadual de São Paulo, Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba e doutoranda em Educação Especial pela Universidade de São Paulo, professora na Universidade Federal de São Carlos.

Gabriel 1 F – Quais foram suas dificuldades enfrentadas em seu caminho para conseguir chegar na posição que você está hoje?

Katucha Bento - Gosto de ver as dificuldades como algo positivo em nossas vidas. As dificuldades nos fortalece e ajuda a crescer. Muitas vezes as dificuldades também envolve os nossos próprios medos. Citei 3 dificuldades: Ser uma mulher negra proveniente da América Latina é um símbolo hipersexualizado às vistas do povo europeu. A minha experiência na Espanha, onde estudei o mestrado, me fez viver momentos em que fui aliciada para prostituição, sofrer assédio físico e verbal na rua e ser insultada por colegas em um grupo de pesquisa que sugeriam que eu seria uma profissional do sexo (ou puta, como preferirem). O ponto mais importante sobre isso não está em ser considerada puta, mas sim da imagem negativa que a sociedade faz deste tipo de profissionais, sobretudo a partir da raça e nacionalidade. Esta dificuldade leva ao segundo item: Dificuldade em encontrar trabalho. Em quase três anos vivendo na Espanha, onde a maior parte do tempo vivi em Barcelona, não encontrei trabalho fixo em nenhum momento. Isso dificultou no andamento dos meus estudos, já que tinha que pagar a matrícula do mestrado na Universidade de Barcelona além dos custos de vida (alimentação e transporte, por exemplo). Aos poucos encontrei trabalhos pontuais através de amigos e professores. Gosto de acreditar que fiz mais do que 12 trabalhos de Hércules, uma das histórias que me inspira para falarmos de como alcançar os objetivos com a força interior. Tive mais de 20 trabalhos diferentes na minha estadia na Espanha, sendo que dois deles acrescentaram muitas coisas positivas em meu currículo acadêmico: participei como pesquisadora em um estudo internacional sobre migração na Europa e outro sobre mulheres transsexuais na Espanha. Xenofobia. A atitude negativa e violenta para com pessoas fora da Espanha, sobretudo fora da Europa Ocidental foi um desafio que encarei no meu dia a dia. Não apenas diretamente à mim, como contei no tópico 1, mas ver e conviver com a xenofobia direcionada aos nossos amigos é também um sofrimento uma vez que, como também imigrante, pouco eu podia ajudar naquelas situações. Uma das situações que mais me marcou foi ver um amigo negro senegalês, o Rahou, sendo violentamente abordado pela polícia sem que nada tivesse feito - ele trabalhava comigo repartindo flyers de baladas em uma zona turística da cidade. Foi uma cena horrível e eu não podia intervir naquele momento. Nessa noite esse amigo foi revidado mais de 5 vezes pela polícia, com o mesmo tom ameaçador e violento. Horas mais tarde o mesmo policial da primeira abordagem volta e diz "sinto muito pela forma de abordagem, mas você sabe que temos que fazer isso porque a gente da tua cor é mais violenta, né?". Lembrar disso me corta o coração até hoje. Todas essas dificuldades foram um impacto negativo na minha produtividade acadêmica, já que sempre precisei dividir minha atenção dos estudos e nunca pude estar imersa completamente na minha carreira acadêmica. Por outro lado, as dificuldades me ensinaram a conhecer mais o mundo e a perseverar para alcançar meus objetivos. Valorizo cada vez mais o fato de ser uma das poucas mulheres negras que hoje recebe bolsa integral do governo brasileiro para estudar o doutorado na Inglaterra e tenho a convicção que sempre lutarei contra o racismo que até hoje fecha tantas portas de oportunidades para a população negra no mundo todo.

Nathaly 1F – Mesmo que o mundo tenha mudado, vocês acham que o papel da mulher negra na sociedade ainda é destinado à escravidão, pobreza entre outros preconceitos?

Katucha - Acho que o papel da mulher negra está ainda muito relacionado aos estereótipos da escravidão, dentro das expectativas sociais da empregada doméstica (sobretudo aquelas que vivem dentro da casa dos patrões, dando um novo contexto de escravidão, por ter um servente individual ao seu dispor), cozinheira (e não



"A meritocracia é uma falácia, não existe para todos e é muito facilitada de acordo com a classe social, raça, gênero e nacionalidade de uma pessoa."

Katucha Bento

4

5

Fonte: Revista Empoderar (2016)

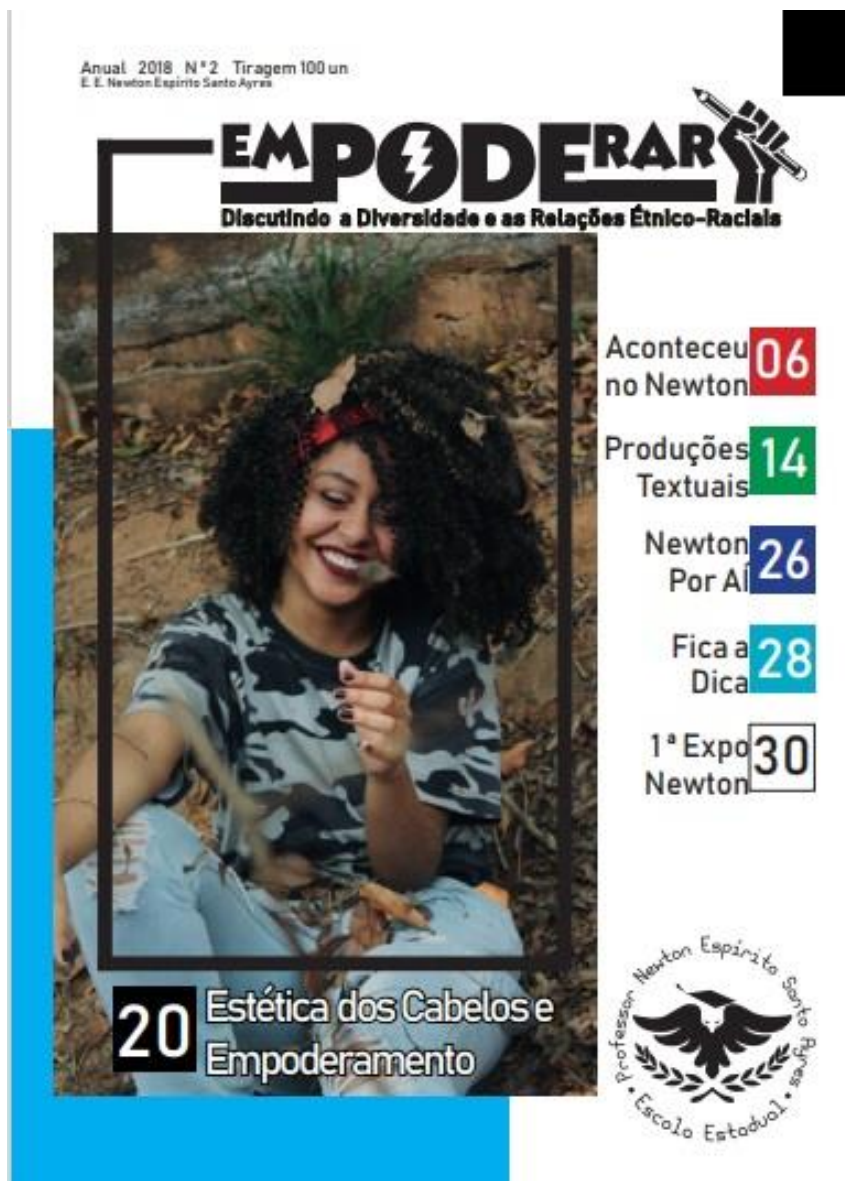
Entre as perguntas, uma se referia ao dia 13 de maio e essa em especial me chama a atenção. A resposta de Cláudia, me abraça no que se refere a importância em inserir nas práticas escolares e/ou educativas narrativas que apresentem outras histórias da população negra e não apenas no contexto escravista.

A estudante Aline do 2F pergunta: o que vocês pensam sobre os dias 13 de maio e 20 de novembro?

Claudia: Apenas datas, parece que ser negro é permitido nesses dois dias. As pessoas "discutem" preconceito, oportunidades, pensam na história nesses dois dias e apagam o que acontece nos outros 363 dias do ano, quando oprimimos alguns alunos pela cor da pele, pelo cabelo, nesses dois dias as pessoas acham lindo os cabelos elogiam a comunidade e depois voltam a vida hipócrita de sempre, fazendo as mesmas coisas.

Nas próximas páginas, continuarei apresentando alguns recortes de conteúdos que compuseram a edição dois e três da revista e por quê o trabalho com a Empoderar é tão importante.

Figura 23 - Capa da segunda edição da Revista Empoderar.



Fonte: Revista Empoderar (2018)

A escolha da capa da segunda edição da revista foi uma surpresa para toda comunidade, sendo revelada somente no final de 2018 em momento de confraternização com estudantes e docentes da escola. Vitória é essa mulher negra que toma conta da capa, com seus cabelos ao vento e o sorriso largo que preenche o lugar.

Diferente da primeira edição, realizamos um chamamento para que toda comunidade pudesse estar presente neste ensaio. O tema “Estética dos Cabelos e Empoderamento” não foi escolhido à toa. Em 2018, começamos a perceber um movimento muito forte de intolerância e racismo dentro da escola, muito por conta do período político que nos atravessava. As pessoas estavam se sentindo cada vez mais à vontade para discursar seus ódios e preconceitos. O cabelo crespo era um dos alvos desses discursos, e por conta dessa situação optamos pelo tema. Após o chamamento, realizamos algumas rodas de conversa para problematizar esses discursos e discutir sobre racismo. A maioria das pessoas que estavam participando eram pessoas que se reconheciam como mulheres, nesse sentido percebemos a fragilidade e a dificuldade de alguns homens em dialogar sobre esses assuntos.

A sessão fotográfica foi marcada em um sábado na escola. A professora Adriana, que também é maquiadora, ficou responsável por esse momento de cuidado e carinho com as meninas que estavam participando. A fotógrafa responsável foi a Larissa Simidamore, que na época era estudante da terceira série do ensino médio e estava começando seu trabalho com fotografia, dirigiu brilhantemente o ensaio. Em depoimento para a revista ela disse:

Dirigir um ensaio sobre ‘estética dos cabelos’ sem dúvidas nenhuma me acrescenta enquanto pessoa. Eu vivo a diversidade, poder retratar isso foi uma experiência ainda melhor. Acredito que durante o ensaio as pessoas puderam se soltar e acreditar mais na sua própria identidade. Sou grata por fazer parte dessa história e poder contribuir com o registro de cada sorriso aberto, cheio de confiança e empoderamento.

Figura 24 - Ensaio fotográfico da segunda edição da revista empoderar



Fonte: Revista Empoderar (2018)

Nesse dia, conversamos, comemos chocolate e rimos muito. Nos vemos ali, na escola em pleno sábado felizes e colocando diálogo entre nossos cabelos crespos, lisos, cacheados, trançados, roxos, pretos, loiros, azuis e coloridos. Vitória foi tomada pela surpresa e emoção ao se ver na capa da segunda edição. Deu para ver também a felicidade de suas amigas, companheiras de estudos, pois Vitória e elas sabiam da força em estar numa capa de revista tendo passado por questões de baixa autoestima muito forte. Ser percebida pode ser também um processo de cura.

Figura 25 - Página da segunda edição da revista empoderar.



Fonte: Revista Empoderar

Na segunda edição, a curiosidade começou a tomar mais espaço, as alunas/os/es perguntavam sobre quando teria o ensaio de fotos e demonstravam interesse em participar. Ser fotografada/o/e era algo improvável para muitas/os/es estudantes até o surgimento da revista, boa parte nunca tinha sequer pensado na possibilidade de um dia fazer parte de um ensaio fotográfico. Crescer sem ver pessoas negras nas grandes mídias e nas artes sem ser na representação de subalternidade ou exotização, educou perigosamente as alunas e alunos que

por um bom tempo acreditou nos discursos excludentes que geraram e ainda geram uma baixa autoestima. Os ensaios fotográficos e os espaços para publicação de textos que a Revista Empoderar proporcionou, foi arrebatador no sentido do fortalecimento de uma auto aceitação, reconhecimento e autoestima. Quando finalmente o tema para o ensaio foi divulgado, houve uma procura considerável das/dos/des estudantes dos três períodos. E foi incrível ver meninas assumindo seus cabelos e enxergando suas belezas. Na segunda edição a estudante Elisete escreve:

“Meu nome é Elizete, tenho 16 anos e desde pequena tive o cabelo cacheado, porém não o usava ao natural porque eu não sabia lidar com o volume, principalmente quando ele secava, pois naquele tempo as cacheadas usavam mais o cabelo molhado. Desde sempre amei meu cabelo, mas com 14 anos de idade resolvi fazer progressiva, ou seja, alisar, como não me sentia muito à vontade com o cabelo liso, três meses depois com o apoio de duas amigas resolvi parar de alisar e aceitá-lo. Porém, acho que essa fase de transição é difícil, você fica com a autoestima baixa e as pessoas também não ajudam muito, pois cortar o cabelo curto acaba não agradando, mas é apenas uma fase, ou seja, isso passa e o final é surpreendente, é uma aceitação e empoderamento para as pessoas.”

Figura 26 – Ensaio fotográfico da segunda edição da revista empoderar.



Fonte: Revista Empoderar

ROSAS

E nos oferecem Rosas
Carregadas de Hipocrisia
Carregadas de Mentira
Das flores saem espinhos
Espinhos esses que abrigam cada ofensa
Cada resquício de violência
Nos oferecem flores hoje
Amanhã nos atiram pedras
Hoje nos elogiam com as mais belas
palavras
Amanhã uma de nós será violentada
Mas somos apenas números
Mais uma
Somada a outra
E a outra
E outra

Até não sobrar nenhuma

E as rosas?
Rosas secas de tanto machismo e
violência
Tentaram nos enterrar
Uma, duas, três vezes
Mas de uma coisa eles não sabem:
Somos sementes
Mulher
Mulher de casa
Mulher de rua
Mulher de luta
Mulher livre
Mulher resiste

(ISABELLA PACHECO - 15 ANOS, 9º
ANO, 2018)

Figura 27 - Capa da terceira edição da Revista Empoderar.



Fonte: Revista Empoderar (2019)

Posso dizer que toda vez que eu olho para essa capa, eu me emociono, ela discursa sobre muita coisa. Discursa sobre nosso compromisso com a educação, com a luta contra a intolerância religiosa, discursa sobretudo sobre liberdade. Sentir-se em segurança andando pelos corredores de uma escola, vestindo e celebrando a fé, principalmente a que envolve as matrizes africanas e afro-brasileiras. E assim como na segunda edição, o momento político teve muito impacto nos espaços educacionais. A diversidade religiosa sempre foi assunto colocado de escanteio por aqueles e aquelas que acreditam que a escola não deve ser espaço laico. Mesmo

depois desse ensaio incrivelmente potente, nós ainda precisamos nos deparar com uma bíblia no corredor da escola. Este ensaio foi realizado em 2019, estamos em 2022 e as discussões ainda precisam ser levantadas e os questionamentos feitos, por parte da pequena e importante parcela docente que se propõe a um ensino antirracista.

Assim como na segunda edição, realizamos um chamamento para este terceiro ensaio e resolvemos fazê-lo na escola, mas em horário de aula. Foi um movimento importante, pois alguns estudantes candomblecistas e umbandistas conseguiram pela primeira vez usar seus colares e fios de conta sem se sentirem ameaçados dentro da escola. E essa questão, foi uma das levantadas em uma das nossas conversas antes da realização das fotos. Como se sentir acolhidas, acolhidos, protegidos e protegidas dentro de um espaço que se posiciona contra a diversidade, já que minha religião não está representada dentro do ambiente escolar?

Tivemos a presença de um pai evangélico acompanhando as fotos e de maneira consciente ele reforçou a importância da ação e parabenizou as pessoas envolvidas. São nesses momentos que nos aproximamos das famílias e iniciamos um diálogo para que todas as pessoas tenham suas crenças e manifestações religiosas dentro da escola. As fotos foram feitas pelo professor de Arte Rafael Nunes, que também é responsável pelo designer da Empoderar.

“A umbanda está no meu sangue, minha mãe diz que quando eu escutava o tambor eu pulava na barriga dela e meu pai dizia que o barulho estava me incomodando, mas não, eu estava feliz de escutar aquele barulho todo, ele comandando as batidas do meu coração, eu sempre fui feliz na umbanda porque ela é respeito, é tolerância, é humildade e muito mais. Hoje eu sou grato por poder louvar os orixás na escola pública, o som do tambor. Estou sempre procurando aprender coisas novas e eu agradeço a Umbanda por guiar minha vida e fazer dela um completo mar de alegrias.”

Esse depoimento do estudante João Silvério, que na época estava no 9º ano do ensino fundamental, faz parte da terceira edição da Empoderar. Essa fala me emociona, pois durante muito tempo e ainda hoje, presenciamos jovens de terreiros se escondendo, como medo de usarem suas roupas brancas às sextas-feiras ou seus fios de conta. E aqui, eu relembro o texto escrito pelo professor e líder religioso Bábálorixá Tatto de Òsóòsì na primeira edição da Empoderar. Em um trecho ele diz:

“O candomblé não tem espaço para o que não encanta, sublima e eleva, não é religião de conflitos e maniqueísmos, esses aspectos são cristãos, assim como não há pecado e culpa. O candomblé é o paraíso da paz interior, da conexão do homem consigo mesmo e com o espaço que está em sua volta. Os orixás são deuses criados por Deus (ao qual denominamos Oba N’la - senhor dos altos). Os orixás são nossos pais, irmãos, amigos e conselheiros. São acima de tudo os braços que os acolhem. ” (GUSTAVO BARROS, 2016, p. 23)

Poder ser vista/o/e em uma capa de revista, principalmente quando você passa por um processo de auto aceitação, é de uma potência gigantesca. É como carimbar um passaporte para o empoderamento sem dar espaço para o retorno da insegurança, incerteza e baixa autoestima. A grandiosidade da Revista Empoderar e seus ensaios fotográficos, contrapõe as produções visuais de ainda hoje, que teimam em discursar sobre um padrão de beleza. Insistir e trabalhar para a continuidade da existência da Empoderar, é garantir uma educação transformadora, pois dentro dessa insistência, nos disponibilizamos a respeitar a multiculturalidade que forma e organiza uma escola pública. Afinal, ela é o espaço onde essas várias formas, vários corpos, várias maneiras de pensar e existir se encontram. E através da imagem a Empoderar identifica essas várias coisas que se transformam em outras.

Sou uma obra de arte
Uma criatura única
Sou cheia de defeitos
Mas com tantas qualidades

Eu sou do Santo
Do Orixá
Sou filha de Zambi
E junto dele, meus guias hão de me ajudar

Eu sou preta
Sou da arte
Sou da dança
Sou da luta
Sou capoeira
Sou protegida de Oyá
Tenho o amor de Oxum
A fartura de Oxóssi
E a benção de Olorum

Sou meus livros
Minhas músicas
Meus estudos

Minhas escolhas
Criadora do meu próprio destino
Não sou de desistir
Posso bambear
Mas nunca realmente cair
Coloco os cachos para cima
Olho pro alto
Respiro fundo
E sigo em frente
Sou criada no dendê
De dia, tenho a proteção dos Caboclos
De noite, danço com Malandros
Sou uma obra de arte
Sou rodeada de axé
Sou grata por todos os meus dias
Tenho minha própria energia
E peço que nunca me falte Força e Fé

*(SARAH ANTUNES SANTIAGO, 17
ANOS - 3ªSÉRIE - 2019)*

Figura 28 – Páginas da revista empoderar.



Oficina: Canto, Movimento e Percussão

Aula prática voltada para o público em geral sobre o universo das tradições populares brasileiras. Apresentou as canções, movimentos, toques (percussão) e personagens de alguns gêneros como Bumba Boi, Jongo, Coco, Cacuriá, Carimbó e Ciranda, a oficina trabalhou com os alunos elementos musicais, coreográficos e dramáticos que se entrelaçam como um jogo, em uma Vicência dinâmica que se aproxima do ensaio e das brincadeiras populares. A atividade foi realizada pela mestra Graça Reis e por Renata Amaral e contou ainda com a participação da jornalista Christiane Rocha. Oficina realizada com estudantes de 6º ano do ensino fundamental.



Figura 29 - Ensaio fotográfico da terceira edição da revista empoderar.



Fonte: Revista Empoderar (2019)

Ao longo das três edições, percebi um movimento dentro da escola de interesse de algumas alunas/os/es, sobre o lançamento da próxima edição. Em 2016 a vontade de fazer parte da revista de alguma forma era tímida por parte da comunidade - incluo aqui docentes e discentes - a leitura que tenho é que se aguardava um resultado com mais visibilidade para que então as pessoas pudessem doar seus tempos e estar em parceria com a revista. Lembro

que junto com o professor Renato, marquei o pré-lançamento da Empoderar nos três períodos. Para nossa surpresa, tivemos que encarar toda a escola e organizar o pré-lançamento já que o mesmo não tinha sido comunicado aos alunos e alunas. Ficamos ali, com a coragem e a certeza da importância do trabalho. E no dia do pré-lançamento, exibimos filmes e realizamos oficina de turbante (eu mesma conduzindo).

A quarta edição da Empoderar, com certeza foi a mais difícil de ser lançada. Com a saída de algumas professoras e alguns professores da escola, a equipe se reduziu e os horários de trabalho não entraram em consonância. E durante todo esse processo de organização da quarta edição, fui percebendo como nós, docentes, deixamos sempre para depois as discussões e ações referentes a EREER+. Saturadas/os/es pelo trabalho, o conforto também se apresenta em deixar para depois. Nesta edição da Revista, o novo logo também é apresentado, pensado e desenvolvido pela equipe.

Quando uma nova edição da revista é apresentada, existe um movimento de curiosidade que surge no ambiente, em relação a capa, as fotos que entrarão no ensaio. Nosso olhar de docente deve estar atento para perceber e acolher esse movimento. Aproveitar o momento de encantamento e se dispor a uma educação libertadora, respeitando a multiculturalidade, rompendo silêncios e respeitando posicionamentos. Os ensaios da Revista Empoderar são instrumentos de transformação, força e liberdade.

2.2 - Aterramento docente: formação de professoras e professores

É fato que a lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) tornou-se um marco importantíssimo para a educação brasileira, sobretudo a educação básica. Sabíamos obviamente da importância em se discutir e ensinar sobre a história da população negra contrapondo o discurso eurocêntrico, que desde sempre impunha um discurso e uma forma de ensinar. Diante da existência da lei, alguns movimentos começaram a ser necessários, dentro da escola pública de educação básica. Para docentes que estavam se formando, de uma forma ou de outra ainda conseguiram ter uma abordagem mínima no curso superior, porém, para docentes que já estavam na rede passava a ser não um desafio, mas um problema, já que durante todo seu processo de formação, não houve preocupação alguma de buscar informação sobre a presença da população negra na construção do país em todas as suas esferas. Assim, além do desafio do ensino na sala de aula

da educação básica, existe ainda o desafio de formar quem leciona e não teve formação antes de chegar à sala de aula.

É muito comum ouvirmos de professores e professoras o seguinte discurso: eu não sei trabalhar, eu estou aprendendo. Obviamente todas as pessoas passam por um processo de aprendizagem, mas a grande questão é, quem está disposta ou disposto a aprender? E mais que isso, pessoas que ensinam, devem estar preocupadas com todas as questões que envolvem o processo de aprendizagem e é fato que o racismo, o preconceito e a intolerância prejudicam esse processo, pois estou falando também de um lugar onde a dor de passar por essas violências, prejudicam o aprendizado. Além disso, por mais que ainda existam falhas na formação, não devemos nos acomodar em discursos superficiais que tomamos como justificativa para se ausentar da responsabilidade.

Diante do sancionamento da lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) que é uma medida conquistada como ação afirmativa, os currículos e documentos federais, estaduais e municipais, precisam ser repensados e reestruturados a fim de garantir o cumprimento da lei. Mas ainda hoje, vinte anos depois da promulgação da lei, encontramos uma estrutura conservadora e que não alarga a discussão sobre a história e cultura africana e afro-brasileira. É muito comum encontrarmos nos livros didáticos e apostilas, uma abordagem rasa sobre o assunto. Dessa forma, fica evidente a fragilidade que ainda está presente na formação e na construção de materiais que subsidiem os trabalhos dentro do ambiente escolar. E sim, hoje existem mais produções e materiais em comparação a dezenove anos, no entanto, parte dessa produção acabam não chegando como instrumento de trabalho na escola. Além disso, existe a falta de investimento por parte do governo que não dispõe de recursos específicos para que consigamos levar à escola pessoas que possam ampliar o processo de formação da equipe docente para além dos vídeos disponibilizados no site da ATPC. Sabemos que o contato direto com a formadora ou formador colabora para a efetivação da formação e para que este contato aconteça, é necessário garantir transporte, alimento e pagamento para quem pesquisa e forma, valorizando e reconhecendo as produções intelectuais.

A professora Nilma Lino Gomes (2008), escreveu um artigo intitulado “Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório” onde ela discute e apresenta inquietações sobre a formação de professoras e professores. Inspirada nos estudos de Boaventura, a professora propõe uma reflexão sobre as pedagogias das ausências e das emergências como proposta para dar visibilidade sobretudo às práticas e ações realizadas por movimentos sociais. Por mais que tenhamos uma produção mais significativa em relação a

Educação Étnico-Racial, ainda vejo alguns problemas apontados pela professora em 2008, agora em 2022, principalmente devido aos grandes ataques à população negra e a grande onda do negacionismo que cresceu fortemente nos últimos anos. Dessa maneira, a produção, a forma de escrever e de criar de pessoas pretas foram colocadas em dúvida e diminuídas intelectualmente. E diante de todo o movimento negacionista, vimos uma onda de tentativas de impedir pessoas negras de acessarem às universidades públicas. Pessoas brancas se autodeclarando negras é uma estratégia de retirada de oportunidade para que estejamos nesse espaço, seja como estudante ou como docente.

Sobre a pedagogia das ausências a professora Nilma nos explica que ela consiste em exercício político e epistemológico, tendo como objetivo principal transformar as ausências em presenças a partir da formação de professoras/es/es e ela só terá resultado sólido quando trabalhada em consonância com a pedagogia das emergências que se propõe a investigar práticas e alternativas pedagógicas que possam ser articuladas também com o ambiente escolar. Dessa forma, temos o trabalho do Movimento Negro com uma importante participação de resistência sobre pensar as emergências no fazer educacional.

No início deste subcapítulo, falei sobre o lugar da dor e o quanto este lugar prejudica a aprendizagem. Caminhando nessa reflexão, Kabengele Munanga diz:

[...]o preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade em lidar profissionalmente com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros e materiais didáticos e às relações preconceituosas entre alunos de diferentes ascendências étnico-raciais, sociais e outras, desestimulam o aluno negro e prejudicam seu aprendizado. (2001, p. 8).

Quando uma situação de racismo ou preconceito acontece na escola, existe uma tendência muito forte em chamar um professor negro ou uma professora negra - nesse caso eu - para mediar ou acompanhar a conversa. Enxergo essa situação com duas questões importantes. Primeiro, que é extremamente necessária a presença de pessoas negras dentro de uma escola ocupando lugares de liderança, fortalecendo a representatividade. Segundo, mostra a fragilidade, falta de compromisso e o medo de pessoas não negras em tomarem para si a responsabilidade de assumir um posicionamento antirracista.

Não basta termos a Lei n. 10.639, que desde 2003 exige história e cultura africana e afro-brasileira nos currículos escolares, precisamos transformar os currículos universitários para garantir Erer transversalmente na formação inicial de todas as áreas de conhecimento. Um componente curricular pontual, que nem sequer acontece em todos os cursos do país, não resolve de forma alguma o tamanho fosso de desconhecimento. A universidade não pode mais se dar ao luxo de virar as costas para a população negra e indígena do país. (SANDRA HAYDÉE PETIT, 2022, p.

Dialogando com o que a professora Sandra Petit diz acima, trago uma reflexão amparada também por Sueli Carneiro, no que diz respeito à evasão escolar. Situação que muitas vezes não é relacionada pelas instituições de ensino básico com as violências racistas e preconceituosas em relação a estudantes negras/os/es e indígenas. Quando na citação Sandra Petit diz que *a universidade não pode mais se dar ao luxo de virar as costas para a população negra e indígena do país*, eu faço coro a essa fala e incluo as escolas públicas. Identifico um diálogo entre Sandra e Sueli Carneiro, pois enquanto Petit traz a ênfase voltada a universidade e essa diz respeito diretamente ao pensamento e estrutura da formação docente, Carneiro em um trecho de sua obra “Dispositivo de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser” aponta que o abandono ou exclusão de alunas e alunos negras/os/es na escola está relacionado a educabilidade, que pode passar por desconfiâncias em relação a sua credibilidade e a ideia de que devem estar sempre sujeitas/os/es a subordinação - esta que quando contrariada apresenta um comportamento de raiva e indignação de quem acredita estar no comando. É comum ouvir de docentes que determinado aluno negro é agressivo, assim como é comum a falta de competência desses mesmos docentes em resolver uma situação de racismo a qual esse aluno foi exposto. Nesse trecho, me referi mais aos alunos negros, pois uma pesquisa realizada pela UNICEF em 2022, aponta o racismo como um dos motivos pelo abandono escolar, outro exemplo é a campanha realizada pelo Governo Federal em 2018 com ações dentro do programa Bolsa Família que visava garantir a permanência de crianças e adolescentes durante todo ciclo do ensino básico. O problema econômico afeta a população pobre do país onde sua maioria é composta por pessoas negras, afetando diretamente a conclusão do ensino.

Frente a situação de negação, seja no mero convívio e na afetividade, seja quando o negro já está mergulhado na responsabilidade profissional, o que se vê é o despreparo histórico da escola, bem como o despreparo que é produzido cotidianamente nela, para lidar com o racismo. São conteúdos que faltam, abordagens que são negadas, um futuro de convivência e sucesso profissional que nem sequer é delineado como possível para a criança e o jovem. Apenas, em tudo, a pura negação. (SUELI CARNEIRO, 2023, p. 324)

Esses meus apontamentos podem parecer contraditórios em relação a apresentação que fiz do trabalho com a Revista Empoderar, mas o fato é que ele muitas vezes foi solitário e sofrido. E diante da responsabilidade de toda a comunidade, ações como a da Empoderar, não podem e nem devem ficar direcionados a uma pessoa negra ou pequeno grupo. Por mais possível que seja desenvolver com qualidade, compromisso, responsabilidade e respeito os trabalhos com as discussões da EREER dentro de uma escola pública, ainda temos grandes

problemas em relação às abordagens e à falta de compromisso. O trabalho da revista, evidencia uma realidade possível no desenvolvimento da EREER e fortalece a permanência de estudantes negros e negras na escola, afinal, ser vista e se reconhecer são verbos de cura para quem sempre esteve em um lugar de invisibilidade.

Em 2022, foi lançado o longa-metragem “Medida Provisória”, dirigido pelo ator Lázaro Ramos. Uma obra importante com uma grande produção, que discute medidas para fazer pessoas negras retornarem ao continente africano. As disputas de poder e o racismo, foram muito bem discutidos no longa, no entanto, existe uma fala quase no final que diz que o Brasil seria totalmente branco, se a medida provisória fosse realizada com sucesso. Nesse sentido eu me questioneei. E os povos indígenas do Brasil?

Trago aqui neste texto, uma reflexão em relação a abordagem das culturas dos povos originários, tanto na questão da formação docente, quanto na abordagem da discussão antirracista. Nesse trabalho eu compartilho muito as experiências que me são atravessadas e direcionadas, no entanto percebo a fragilidade em de fato agregar e ampliar as discussões também em relação às populações indígenas. Como pensar a sociedade brasileira, sem pensar nessas populações? E digo mais, como pensar a religiosidade afro brasileira sem pensar nas manifestações culturais indígenas?

Quando me deparo com discussões sobre antirracismo e decolonialidade, essas muitas vezes estão direcionadas à população negra, fazendo uma separação que no meu entendimento agrava e fragiliza o movimento antirracista. É urgente pensarmos a luta antirracista com e para as populações indígenas. Se Oxóssi é orixá do conhecimento, dono das matas, quem são os caboclos e as pajelanças que aparecem na Umbanda e também no Candomblé? Nos alimentamos dessa força, dessa energia e reverenciamos a natureza como ela mesma é, vida. Trago essa reflexão com o coração inquieto, e muita vontade de fazer diferente, pois me vejo falhando nas discussões quando não estou de fato junto com minhas companheiras e companheiros indígenas apontando questões estruturais que teimam em invisibilizar e exterminar nossos povos originários.

Quando colocamos as populações indígenas no lugar como sendo *o outro*, corremos o risco de fazer a mesma coisa que muitas pessoas não negras fazem, se ausentar da discussão e acreditar que é uma pauta específica da comunidade em questão. Sendo que o combate ao racismo é responsabilidade de todas as pessoas. Esse é um cuidado que devemos ter, para de fato ampliar e acolher a luta de todas as pessoas que são invisibilizadas. Assim, pensando nos

momentos de formação docente, eles precisam ser provocadores, inquietantes e abarcar toda pluralidade e multiculturalidade que está inserida dentro das discussões antirracistas.

Em momentos de formação de ATPC, posso perceber a dificuldade em aprofundar a reflexão por parte de algumas e alguns docentes e principalmente de assumir lugares que são lidos como lugares de privilégio. Essa objeção se apresenta quando alguma conversa em relação ao EREER+ se inicia. Existe um discurso sobre “não dar conta” de abordar a temática, que “precisa ter cuidado” sobre o que falar, e esse discurso é a receita certa para quem acredita que dentro da escola está tudo bem. Essa situação se agrava quando as conversas sobre as culturas indígenas se iniciam. Se há uma dificuldade em aprofundar-se nas reflexões sobre culturas negras, ela transborda nas reflexões em relação às culturas dos povos originários. Um entendimento sobre a produção artística e intelectual dessas pessoas, geralmente não é levado em consideração quando se trata de referências para formação docente e abordagens em sala de aula.

No dia 21 de agosto de 2022, foi exibida uma matéria do programa Fantástico que abordava os dez anos da lei de cotas. Não consegui cronometrar a reportagem, mas acredito que tenha tido uma duração de cerca de cinco minutos, reportagem relativamente grande tendo em vista o tema. Desses cinco minutos, a discussão girou em torno da população negra, abordando rapidamente sobre a população indígena e não problematizando o acesso dessas pessoas às universidades.

Assim, percebo uma fragilidade em agregar de fato as discussões e lutar junto com os povos originários que acabam isolados e apartados dessas lutas. Se nós, pessoas negras desejamos de fato acabar com o racismo, precisamos estar juntas e juntos com as pessoas que também são invisibilizadas como nós. Fortalecendo a resistência, gritando mais alto em todos os cantos. Quando a discussão sobre racismo é colocada em pauta, imediatamente a lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) é apresentada e a 11.645/08 (BRASIL, 2008) geralmente fica em uma abordagem secundária, diminuindo a importância da lei que se refere ao ensino da cultura e histórias das populações indígenas.

Ao longo de algumas leituras que fiz sobre racismo, poucas incluíram os povos indígenas como parte da invisibilidade, exclusão e violência. Há uma relação com os aprendizados dos povos indígenas que poderíamos relacionar ao espaço entendido por nós como cozinha. O que quero dizer, é que ao preparar um chá, um remédio, uma comida que

não está necessariamente dentro de uma construção padronizada, existe um processo de aprendizado. A relação é estabelecida ao fazer as bebidas, os medicamentos e os alimentos.

Durante essa escrita, fui dilacerada pelas notícias e imagens veiculadas nas grandes mídias, sobre a situação desumana e revoltante em que o povo Yanomami estava. Se existe alguém que não se indignou, que não se revoltou e que não chorou acredito que há falta de humanidade nessa pessoa. E o que mais me chama a atenção, foi a ausência de uma mobilização, de intervenções e manifestações Brasil afora que demonstrasse a indignação sobre a situação a que o povo Yanomami estava submetido. Imagine viver na floresta e não poder se alimentar dela, imagine viver na floresta e não poder saciar a sede com sua água. Imagine viver na floresta e ser tomada pela invasão violenta.

Me vi covarde e destruída, me vi seca e sem vida por não estar mais atenta e junta com os povos originários dessa terra. Assim, me senti necessária para estar mais perto, ouvir e aprender mais. Fui para o Jaraguá, onde vivem cerca de 700 pessoas indígenas em três aldeias. Precisei sentar e escutar o cacique, colocar o pé na terra e me reconectar. Nesse mesmo dia, as lágrimas escorreram ao ouvir o canto nativo através da voz e da força do indígena Pedro Karaí Xucuru Kariri, este jovem cujo seu povo está em Alagoas, mas que faz questão de estar com suas irmãs e irmãos na luta pela dignidade e sobrevivência. Ele cantou:

<i>Esse Rio é sagrado</i>	<i>ver o Sol nascer e baixar</i>
<i>Salve os encantados</i>	<i>E quando a noite chega</i>
<i>Espelho da Lua</i>	<i>Traz Luz das estrelas e Luz do Luar...</i>
<i>Reflete as águas</i>	<i>Oh... heya...</i>
<i>Oh... heya...</i>	<i>Seria mais ainda</i>
<i>Meu Avô me ensinou</i>	<i>com as matas nativas</i>
<i>Sobre o bem-viver</i>	<i>Como deixaram</i>
<i>E a força da vida</i>	<i>Os nossos Ancestrais</i>
<i>que ao povo o rio dá...</i>	<i>Oh... heya...</i>
<i>Oh... heya...</i>	<i>Viva os ancestrais</i>
<i>Daqui é tão bonito</i>	<i>E as terras sagradas</i>

<i>Viva os nossos rios</i>	<i>Oh... heya...</i>
<i>E todas nossas matas</i>	<i>Heya heyaho...</i>
<i>Oh... heya...</i>	<i>Heya heyaha...</i>
<i>Agradeço a Tupã E a Mãe Natureza</i>	<i>Oh ah heyaho...</i>
<i>As forças que nos da</i>	<i>Heyo heyaha...</i>
<i>Para nos respirar</i>	<i>Oh... heya...</i>
<i>Caminhar e lutar</i>	

A filósofa, antropóloga uma das mais importantes intelectuais negras do Brasil, Lélia Gonzalez, escreveu em um de seus textos sobre a organização do Quilombo dos Palmares e como esse território de resistência acolhia pessoas que estavam na mira de uma sociedade violenta e desigual. Assim, os quilombos são espaços onde as pessoas têm sua humanidade protegida. Dessa maneira, eu pergunto novamente: como pensar o antirracismo sem estarmos de fato comprometidas e comprometidos também com os povos indígenas do nosso país? A história da luta antirracista do povo preto, esta misturada a luta da população originária. Indo nesse mesmo caminho, a professora Sandra Haydée Petit, relata sobre sua experiência de trabalho no território dos Povos Tremembé no estado do Ceará entre 2001 e 2004. Ela relata sobre a importância desse momento, pois a possibilitou participar dos embates, dilemas e conquistas desse povo. Ela diz:

Essa experiência só fez fortalecer minha compreensão do quanto é vital para nós a realização de pedagógicas ancoradas nos nossos referenciais histórico-culturais sistematicamente apagados pelo trauma escravagista do qual a sociedade brasileira ainda mantém grandes feridas abertas. (2021, p. 48)

A professora ainda continua: "os povos indígenas há muito tempo também lutam contra o epistemicídio, lembremos de dar-nos as mãos. " Nesse sentido, é urgente e fundamental que professoras e professores estejam dispostas/os/es a repensar suas abordagens antirracistas ou as ampliem. É importante não perder de vista, as especificidades de cada população, as urgências que envolvem as particularidades dos povos indígenas e dos povos negros. Não estou dizendo aqui que devemos tratar toda a discussão a partir de uma única perspectiva, mas aponto a preocupação quando as reflexões sobre decolonialidade e antirracismo aprofunda-se com mais vigor as demandas das populações pretas, ficando secundárias ou apartadas todas as que envolvem os povos originários.

Ao escolhermos dedicar uma vida ao ensino, ao compartilhamento de conhecimentos, assumimos imediatamente um compromisso com todas as pessoas que conhecemos e ainda vamos conhecer. É sabido que as condições das escolas públicas brasileiras não atendem em sua totalidade as demandas para a garantia de um ensino de excelência. Mas, nós professoras e professores não podemos perder de vista as relações construídas com base no amor. O que é ensinar e aprender se não uma relação pautada no amor? A professora bell hooks nos diz:

Quando somos professores e professoras e ensinamos com amor, combinando cuidado, comprometimento, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança, frequentemente somos capazes de entrar na sala de aula e ir direto ao cerne da questão. Isso significa ter clareza para saber o que fazer, em qualquer dia, a fim de criar o melhor clima para o aprendizado. (2021, p.210).

Saber o que fazer em qualquer dia, isso só será possível se houver disponibilidade para o amor, para entender a dinâmica de uma sala de aula e principalmente entender que enquanto estivermos em sala de aula ou dentro de um espaço educacional, nossos estudos, nossas pesquisas não param. Somente assim, teremos condições de com amor, garantir um processo de ensino-aprendizagem verdadeiramente antirracista. Nesse sentido, não consigo pensar em um ensino da Arte que não esteja também pautado no amor. O professor doutor Eduardo Miranda em seu livro *Corpo-território e Educação Decolonial* nos diz:

As artes em geral têm o poder de provocar estranhamentos, tornar visíveis questões pouco ou quase nunca evidenciadas e despertar as ignorâncias daqueles que por diversos motivos não se aproximaram das temáticas enaltecidas pelas construções artísticas. (2020,p. 74).

Poucas professoras/es/es do componente Arte nas escolas públicas atuam artisticamente. Essa pode ser uma questão para que a limitação do ensino da Arte exista. Penso que estranhamentos só são possíveis quando nos permitimos mergulhar na experimentação e na vivência. E o que é a Arte senão também esse mergulho? Limitando-se exclusivamente a história e a reprodução de técnicas de desenho por exemplo, a/o/e docente não se permite inclusive ampliar a visão para o ensino antirracista e decolonial da Arte, criando uma impossibilidade das relações e também as experiências individuais e coletivas de uma sala de aula.

Escolas públicas, bem como instituições de ensino superior, precisam ser transformadoras para que o aprendizado seja uma experiência que constrói, aprimora e afirma a autoestima. A educação tem o poder de afirmar a autoestima de estudantes negros/de cor quando educadores são antirracistas em palavras e ações. (bell hooks, 2021, p. 136).

Figura 30 - Ensaio fotográfico da terceira edição da revista empoderar.



Fonte: Revista Empoderar (2019)

A identidade é construída de maneira coletiva mesmo sendo anunciada individual assim como aponta a professora Nilma Lino Gomes, e é pensando nessa coletividade e na firmeza da autoestima de estudantes negras/os/es que a Empoderar se propõe a realizar os ensaios fotográficos, é para dizer na prática sobre a importância de ser vista/o/e, sobre as relações de respeito que podem ser construídas através da imagem.

3 - PRINCÍPIO PERTENCER

Figura 31 – Eu no muro da Escola



Fonte: Márcia Urban (2021)

Trago a reflexão sobre pertencer, por estar no espaço da escola pública. Quando cheguei nela, trazia comigo as histórias ouvidas na cozinha de casa e também uma experiência profissional vivida em ONGs, estas com noções de ensino e aprendizagens diferentes desse espaço lido como formal. Por ter atuado em algumas organizações do terceiro setor, tive contato com muitas crianças, adolescentes e mulheres negras. Muitas delas vindas do nordeste do Brasil e que inclusive conheciam manifestações populares como o maracatu, o Bumba-meu-boi, o Frevo e o Pastoril. Então, trabalhar com as danças afro-brasileiras não era tarefa difícil, existia uma intimidade e uma proximidade com algumas histórias que eu compartilhava em aula.

Nesse sentido, chegar na escola pública com essas referências foi também uma oportunidade para eu me rever como educadora. Rever o tempo, rever o ritmo, rever a dinâmica e a metodologia que eu usava até então. O espaço estava cheio de mesas e cadeiras, não existia uma sala para explorar os movimentos de dança e as resistências em relação às abordagens das relações étnico-raciais começaram a se apresentar. Fui percebendo que até aquele momento eu era uma das primeiras professoras negras que algumas alunas, alunos e

alunos tinham tido, passei a fazer reflexões sobre quem são as pessoas negras que compõem a comunidade escolar. Onde estão e quais funções ou cargos ocupam e discutir também sobre a presença de professoras negras e as relações construídas dentro do ambiente escolar. Aqui compartilho relatos de experiências vividas em sala de aula e no circuito da gestão escolar ocupando a função de coordenadora pedagógica. Me proponho a dialogar sobre representação e equidade na escola pública a partir das contribuições teóricas de Nilma Lino Gomes e bell hooks, movida pelas *escrevivências* de Conceição Evaristo.

Como articular a ideia de uma instituição que é pautada na disciplina e transformá-la em lugar-afeto? Abrir caminhos para discutir a arquitetura e a prática de aprendizagem pautada na contenção dos corpos.

Caminhei até a garagem, entrei no carro e partimos. Parecia que a viagem era longa demais. Eu olhava pela janela, atenta aos movimentos da cidade que por ela passava. Pegamos primeiro a estrada de asfalto, com lombadas enormes pelo caminho para evitar carros acelerados demais, pois havia muitas crianças brincando pelas ruas. Avançamos um pouco mais e finalmente chegamos na estrada de terra. Logo na entrada, olhei para os dois lados e avistei o manguezal. Paramos o carro e descemos tentando fazer o máximo de silêncio possível - os caranguejos se escondem com o barulho - e ficamos ali, admirando a vida existente antes de seguirmos viagem. De volta ao carro, continuamos nosso trajeto, encontrando pessoas conhecidas e parentes que eu já não conhecia mais - a distância nos torna pessoas estranhas - quando uma voz no carro falou: *“Olha Vânia, a pedra grande ali”*. Minha mãe me chamou a atenção para uma pedra enorme que tinha na estrada. Logo ela disse que viu muita coisa nessa pedra e que cresceu ouvindo histórias sobre ela, dos encantos e poderes que ali existiam. Pedi para parar o carro e tirei uma foto, como eu poderia não registrar um ponto tão importante da estrada que nos levaria ao Quilombo.

Continuamos nossa viagem e até que chegamos em frente da escola que minha mãe tinha estudado, esta que agora tem uma nova aparência. *“Aqui que eu estudei, vinha todo dia andando e às vezes de cavalo, era caminhada menina. Vinha Nôa, eu e Zete pra estudar, nós três”* disse minha mãe em um momento de saudade. E mais uma vez, aproveitei para registrar o momento, e junto com ela posei em frente à escola que ela estudou. Nesse momento pensei que eu poderia ter estudado ali também, escola dentro de um território quilombola, viva e resistente. Durante os minutos em que ficamos paradas, minha mãe contou sobre como era o uniforme da escola. Ela lembrou novamente da situação de racismo que passou e que por causa da roupa não pôde resolver imediatamente. As meninas usavam saia, foi então que ela

passou a colocar short por baixo para que pudesse se defender sem ficar pelada como ela mesmo disse.

Figura 32 - Minha mãe e eu em frente à escola no Quilombo de Siqueira



Fonte: Nitiren Queiroz (2023)

Nosso trajeto continua e finalmente chegamos no quilombo. Desci do carro e um arrepio surgiu na minha pele. Fomos andando e minha mãe cumprimentando as pessoas e dizendo, é teu primo, aquela ali é tua prima. Chegamos na casa de Tio Aloísio, sentado na varanda ao lado de sua esposa, quando nos aproximamos ela disse: “*Esse é o fujão?* ” Referindo-se ao meu irmão que fugia quando criança para brincar ou não tomar banho. Fiquei impressionada com sua memória de mais de oitenta anos. Precisei retornar à Pernambuco para trazer mais sentidos sobre o que é pertencer para mim. Do final de dezembro de 2022 até o início de janeiro de 2023, estive na casa da minha mãe e do meu pai, na cidade de Rio Formoso onde eu nasci para me reconectar, além da imensa saudade que eu estava. Foram dias incríveis, potentes, de descobertas e de reencontro.

Você já lavou roupa no rio? Após oito dias sem água, tivemos que ir até a bica de Siqueira para lavar roupa, eu não podia imaginar que todos esses dias sem acesso a ela, me levaria a uma experiência de reencontro comigo e com as histórias de minha mãe. Enquanto a gente lava a roupa, devido à falta de água ocasionado por um problema na bomba central de abastecimento da cidade, eu era levada às vivências que não eram minhas, eu imaginava e me via junto à minha mãe no rio lavando roupa por não ter outra alternativa. Durante o processo de lavagem das roupas, foi ouvindo atenta às suas orientações e estratégias para terminar o processo rápido e ter roupas limpas.

Figura 33 - Minha mãe e eu lavando roupa no rio.



Fonte: Nitiren Queiroz (2023)

Hoje, eu diria que se você ainda não precisou ou nunca lavou roupa em um rio, lave! Principalmente se sua família precisava se manter dessa atividade. É com toda certeza uma reconexão com nossas formas de existir e sobretudo de se conectar com a natureza. Durante as horas em que ficamos ali no rio, era preciso perceber o fluxo da água, quando o barro subia, era necessário pausar para que então ele se "assentasse" e a água voltasse a ficar ideal para continuarmos a lavar a roupa. É preciso ouvir, ver e conversar com a natureza. Você já percebeu que geralmente as roupas são lavadas nas bordas ou bem no finalzinho dos rios? Dessa maneira, o sabão pode “ir embora” mais rápido, fazendo com que o rio continue propício para banho e/ou saciar a sede. E durante a lavagem, a gente aprende a organização dela, quais roupas devem ser lavadas primeiro, como batê-las na pedra e como enxaguá-las. Perguntei à minha mãe se ela cantava enquanto lavava roupa em sua adolescência e início da fase adulta. Ela me respondeu que sim, mas que não recordava muito bem as letras das músicas e cantou alguns trechos:

*“Estava na peneira, eu estava peneirando.
Estava no namoro, eu estava namorando.”*

E também.

*“Lata d'água na cabeça
Lá vai Maria
Lá vai Maria”*

Figura 34 - Minha mãe, minha filha e eu no rio lavando roupa no rio.



Fonte: Nitiren Queiroz (2023)

Na imagem acima, minha mãe e eu estamos observando alguma coisa que agora não me recordo o que era, mas nos chamou a atenção, enquanto isso minha filha Odara continua empenhada na lavagem, ela disse algumas vezes que queria ajudar a lavar roupa. Eu poderia contar histórias e mais histórias para ela, mas com toda certeza essas em algum momento de sua vida terão mais sentido e significado após essa vivência no Quilombo de Siqueira. Fui surpreendida com a primeira imagem captura pelo meu companheiro, ele que também estava na lavagem das roupas, se retirou por um momento e lindamente registrou o que certamente me deixaria entristecida se não houvesse nenhuma imagem depois. Quando quase no final ele me mostrou o que tinha registrado através do seu celular. Eu me tornei água.

Cartaougrafia de Oxum

Meu corpo
 território de linhas imaginárias
 refém da espera
 fronteiras desenhadas
 douradas
 com a ponta dos teus dedos
 sou d'água
 vivo n'água
 e a cada sol-estrela-sol-estrela
 crio labirintos
 para que me encontres
 ainda mais bela
 nas rodas da noite
 respiro ofegante
 para que cada pedaço de terra se afaste de mim
 mas perto de um vulcão em erupção
 sou capaz de
 sentir arder
 queimar meus limites e
 redesenhar meu corpo...
 teu território.

Valéria Lourenço

“AWON ODÒ TI O GBÀGBÉ ONÍWÉ ORÍSUN O GBE.”

(O rio que esquece da fonte, seca)

Figura 35 - Bica da Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira



Fonte: Arquivo pessoal

Eu usava um vestido branco com rendas nas pontas e na alça, meu companheiro e eu marcamos um ponto de encontro na estação Palmeiras Barra-Funda com mais algumas pessoas que iriam na festança para Yemoja, Òsún e Logun Ede no Ilé Omi Oya Àse Ògún Òmémén. Iniciamos nossa viagem para o terreiro, cerca de duas horas e meia para chegar até lá. Ao chegarmos no Ilé, fiquei encantada com a beleza e simplicidade do lugar. Nos sentamos e ficamos aguardando o início da festividade pública, o ano era 2015. Aos poucos, ao som emocionando do trio de atabaques, os ancestrais começaram a chegar. Eu, que estava observando atentamente todos os movimentos, fiquei em pé, encostada próximo a porta quando Òsún se aproximou com uma cesta lindíssima de flores. Ainda sem entender ao certo o que estava acontecendo, percebi que ela estava me convidando para dançar. E tomada pela felicidade, foi informada pelo Bábálorixá Dan que eu estava com permissão para entrar na roda. Imediatamente tirei meu calçado, abaixei e recebi a cesta de flores apoiando-a em minha cabeça. Pedi Agô e entrei na roda. Foram duas ou três voltas, que pareceram uma vida inteira para mim. Desde esse dia, mergulhei em um reencontro comigo mesma, e ainda sem entender me senti pertencendo a mim e ao lugar.

Os anos foram passando e meu contato com o Asé Ògún Òmémén permaneceu. Até que em 2022, começando a frequentar a casa por uma outra perspectiva e não somente como visitante de festas públicas, entendi a força e o desejo de ser e estar inteira no Ilé. Me lembro da emoção que eu contive, ao ouvir o Bábálorixá Tatto me chamar pela primeira vez de abyan⁶. Foi como se um certificado me fosse dado, uma permissão concedida e um convite para fazer parte da família que foi formada pela escolha de cada pessoa que a compõe.

O provérbio citado acima aprendi em 2015, antes da celebração do meu casamento, realizada pelo Bábálorixá Tatto de Òsóòsì. E deste então, carrego comigo esse ensinamento. Tentando não esquecer a minha fonte. Por isso, não somente o retorno ao Quilombo de Siqueira me levou ao reencontro e entendimento de pertencimento, mas também estar no terreiro. Há alguns anos, sempre estive participando de festividades públicas na Umbanda e Candomblé, esta última me fazia brilhar os olhos, arrepiar a pele e a alma. Então, em 2022, iniciei o processo de reconexão como abyan dentro do Ilé Omi Oya Àse Ògún Òmémén. Estar no terreiro é permitir-se acessar experiências ancestrais que tentaram arrancar de nós, pessoas pretas.

⁶ Pessoa não iniciada que frequenta o terreiro e participa das funções. É o primeiro passo para o processo de iniciação no candomblé.

O retorno a Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira e também ao Ilé Ògún Òmémén foram processos de reencontro importantes para que eu pudesse experienciar o pertencer e também teorizá-lo. Mesmo acreditando que dificilmente conseguirei tal objetivo, pois, como eu poderia descrever em palavras o que me transcende? Portanto, convido todas as pessoas a pensar em ser o próprio lugar e não somente estar. Assim, narrar essas histórias e experiências, são fundamentais para se entender como lugar, como território e como corpo. Dessa maneira, pertencer à escola pública e ao ensino de arte, é mais do que somente estar na escola pública e ensinar arte. Independente do prédio que estejamos fisicamente ocupando. Pertencer é um estado de vida profundo. Diante disso, proponho o princípio *pertencer* nesta pesquisa, pois ele é alimentado e estruturado por todas as nossas vivências e histórias.

Me recordo da minha surpresa ao ver o resultado do concurso estadual que eu tinha feito, fiquei feliz, mas ao mesmo tempo preocupada em saber se eu daria conta de tamanha responsabilidade. Depois de fazer o processo de escolha da unidade escolar em que tinha vaga para o componente de arte, lembro que por muito pouco eu quase perdi todo o processo do concurso, por achar que era a escola que deveria entrar em contato comigo e não ir até a escola me apresentar. Recordo-me que a Gerente de Organização Escolar me ligou e perguntou se eu ainda estava disposta a assumir o cargo, eu disse que sim sem entender muito bem o motivo da pergunta. Foi quando ela falou que eu precisava ir o mais rápido possível me apresentar na escola, caso contrário perderia o cargo. Acho que eu nunca troquei de roupa tão rápido na minha vida e nervosa sai de casa, peguei o ônibus e fui me apresentar à escola.

Fiquei impressionada com o tamanho do espaço, com a quantidade de aulas e estudantes que lá estavam. Nesse dia, eu presenciei parte do intervalo e continuei impressionada com a quantidade de professoras e professores que desciam as escadas para os poucos minutos de descanso. A gerente me apresentou um pouco do espaço, dizendo que eu iria gostar de trabalhar lá e durante o pequeno tour, me apresentou para algumas professoras/professores/res. Mas meus olhos marejaram ao ser apresentada para a diretora da escola. Uma mulher negra, alta, de cabeça erguida e pisada forte.

Eu me lembro do primeiro dia em que fui dar aula como professora na rede estadual de ensino em Osasco. Me lembro da fala de uma professora de pele clara ao se referir a uma turma de segundo ano do ensino médio: “lá você tem que ser firme, se não eles montam em você, ainda mais assim sendo novinha”. Anos depois essa fala ainda me pega e mesmo respeitando o tempo de sala de aula dessa professora, eu vibro com o fato de não ter ouvido o

seu “conselho”. Ao entrar na sala mencionada pela primeira vez, eu pedi licença às alunas e alunos com um sorriso no rosto e desejando um boa noite. Segui falando e propus logo de início um círculo. O meu pedido foi atendido, mesmo que com algum estranhamento. Foi com o círculo formato que iniciei a minha apresentação que seguiu com um silêncio logo interrompido pela sequência de mais uma apresentação e assim fechamos o primeiro momento da aula. Foi naquela aula, naquele momento onde olhávamos nos olhos que eu recebi o respeito e o carinho da turma que “montaria” em mim.

Ao longo dos encontros com as turmas, fui compartilhando e apresentando para elas, as abordagens dentro da arte que eram fundamentais para mim e consequentemente para o processo de aprendizagem. Uma das principais propostas que construímos foi a realização de seminários, esses apresentados em sua maioria para outras salas de aula. Os assuntos estavam em sua maioria pautados na EREER e conforme as apresentações aconteciam, mais curiosidades surgiam sobre os ensinamentos envolvendo raça, religião e sexualidade. A relação que foi aos poucos sendo construída com as turmas, foi me dando possibilidades para junto com elas pudéssemos a cada aula fortalecer as discussões sobre as relações étnico-raciais.

O que eu não podia imaginar é que algum tempo depois, aquela cozinha/sala de aula/lugar-afeto, poderia me colocar em uma situação extremamente dolorosa e provar o sabor azedo da docência. Foi nela que passei pela primeira experiência de racismo dentro da escola. Um estudante não negro da segunda série do ensino médio, passou a proferir insultos, sons e comentários racistas toda vez que eu me virava para escrever na lousa. Fui relatando para a direção da escola o que estava acontecendo, a mesma fez o primeiro atendimento orientando e falando sobre a questão com o aluno, mas a situação não parou. Comecei a criar outra estratégia e passei a relatar as questões para colegas de trabalho, professoras e professores. Fui ouvida e acolhida por algumas pessoas que junto comigo entraram na reunião de responsáveis para pautar o assunto. Depois de uma conversa com a mãe do estudante ficou decidido que ele estudaria em outra escola. Por muito tempo, fiquei pensando nas professoras e estudantes negras que ele encontraria pela frente e se repetiria a atitude que teve comigo. O fato de acreditar que sim, me incomodou durante um longo período.

Situações como essa do aluno e os “conselhos” das professoras no meu início de cargo, me fizeram entender a importância da minha presença na escola para alunas e até mesmo outras professoras negras. A sensação de andar pelos corredores da escola, entrar em sala de

aula e na sala docente honrando meu cabelo e a cor da minha pele passou a ser inexplicável. E ficou mais forte quando assumi a coordenação pedagógica na escola. Sempre que chegavam professoras e professores novos, eu fazia questão de conversar e apresentar todos os espaços, para que pudessem se sentir logo no primeiro dia, em casa. Hoje, carrego comigo a fala de dois professores um dia História e outro de Geografia, que me relataram o quanto foi significativo ter chegado e encontrar uma coordenadora negra. Um deles inclusive, disse que achou incrível o fato de eu estar com o cabelo super para cima, esses dois professores são negros.

Se para pessoas adultas a presença de uma coordenadora negra teve tamanha importância, imagina para estudantes que estão acostumados a verem pessoas negras apenas em lugar de subserviência, imagina a grandeza que é aprender com quem se parece com você, e mais, aprender sobre sua ancestralidade, se ver na história e em todos os processos que antes eram ensinados e aprendidos por olhares e ensinamentos coloniais. Então, para além de *aterrar* na escola, eu precisava pertencer. Precisava me sentir parte de algo que transgredisse a estrutura, que a ressignificasse. Era além da execução de projetos e ações. Precisava existir uma relação pautada no respeito, no amor, na representatividade, na sinceridade. Eu precisava trazer a relação da cozinha de casa para a escola.

3.1 - Na sala de aula, a grande cozinha.

Minha chegada na escola pública começou em 2013 como professora contratada, seis meses depois de entrar pela primeira vez em uma sala de aula assumi meu cargo do concurso que tinha realizado nesse mesmo ano. Sai da escola em que eu trabalhava e iniciei uma jornada de grandes mudanças e desafios em outra, afinal, eu tinha saído há pouco tempo de uma ONG como educadora especificamente de dança. Ao chegar na escola, houve um período de ajustes em relação às aulas que eu assumiria. Fiquei mais ou menos duas semanas até realmente entrar em sala de aula, tempo que parecia uma eternidade visto a ansiedade que me tomava.

Nos primeiros dias de aula houve uma certa resistência com o fato da minha formação ser em dança. Isso gerou um certo incômodo nas alunas/os/es, que acharam que eu teria somente a dança como “conteúdo” para ensinar. Com o tempo as relações foram se fortalecendo e as turmas percebendo que teríamos um leque de possibilidades de aprendizagem nos nossos encontros. Mas antes da minha entrada em sala de aula, uma futura

colega de trabalho me deu boas vindas e me “alertou” sobre algumas turmas que eu iria dar aula. Sobre um dos segundos anos do ensino médio, ela me disse: “Ali você tem que entrar séria, se entrar muito simpática você não vai conseguir dar aula. ” Me lembro que eu pensei como isso seria possível, mas ela “conhecia” bem a turma, ela estava lá a mais tempo que eu, lecionava a mais tempo também. O fato é que obviamente eu não segui seu conselho de boas-vindas, e ao entrar no tal segundo ano eu sorri, dei boa noite e perguntei se estavam bem. Naquele momento sendo retribuída por alguns sorrisos, algumas respostas e perguntas se eu estava bem, a minha certeza sobre como eu desejaria lecionar se concretizou ainda mais.

A sala de aula é um dos ambientes de trabalho mais dinâmicos precisamente porque nos é dado pouco tempo para fazer muita coisa. Para atuar com excelência e estima, professores e professoras precisam estar totalmente presentes no momento, concentrados e focados. Quando não estamos presentes por completo, quando nossa mente está distante, nosso desempenho piora. (bell hooks, 2021, p. 50-51).

Na sala de aula, essa grande cozinha tem a professora/o/e como pessoa mais velha, compartilhando saberes, informações e experiências para então garantir que as alunas e alunos possam a partir do processo de aprendizagem preparar suas próprias comidas e se alimentar com elas. É somente quando eu entendo essa relação, que me sinto de fato pertencente ao ambiente escolar. O que sempre me fez sentido, foram os momentos de troca, de conversa, de escuta e fala com as alunas e alunos. Esses momentos fizeram com que eu voltasse para casa, com mais conhecimentos e eles me davam a oportunidade de repensar e refazer as minhas práticas.

Figura 36 - Ensaio fotográfico da segunda edição da Revista Empoderar



Fonte: Revista Empoderar (2018)

A foto anterior foi feita no dia do ensaio fotográfico da segunda edição da Empoderar. Em um sábado de manhã ficamos assim, nos olhando e enaltecendo nossa beleza para o momento das fotos. Uma cuidando da outra, soltando os cabelos, maquiando e se preparando para a primeira experiência de muitas de nós de sermos fotografadas. Foi lá, na sala de aula esse nosso momento.

Falar sobre amor em relação ao ensino, por si só, significa se engajar em um diálogo que é tabu. Quando falamos sobre amor e ensino, as conexões que mais importam são as relações entre professores e as matérias que lecionam e a relação estudante-professor. Quando, como professores, damos profunda importância ao tema tratado, quando declaramos amor ao que ensinamos e ao processo de ensino, essa declaração de conexão emocional tende a ser vista com aprovação por coordenadores e colegas. (bell hooks, 2021, p. 201).

Figura 37 - Apresentação de dança na DE Osasco com a estudante Ashley e o estudante João



Fonte: Arquivo Pessoal

Nesta imagem, estou acompanhada da minha parceira Ashley e do meu parceiro João, ambos estavam no ensino médio quando nos apresentamos na Diretoria de Ensino de Osasco. Essa apresentação aconteceu no ano em que assumi a coordenação pedagógica da escola, lembro do desafio que foi para conciliarmos os horários de ensaio. Ashley é filha de Obá, frequenta casa de candomblé há alguns anos e é uma Yaô⁷. Até o momento da nossa apresentação, ela nunca tinha feito uma dança de cunho artístico. João é Ogã⁸ em terreiro de umbanda, aceitou o desafio junto comigo e com a Ashley e tocou atabaque na apresentação, além disso, com sua voz fortaleceu o canto para nós duas, mulheres pretas dançássemos com a energia do tambor.

⁷ Pessoa com menos de sete anos de iniciação.

⁸ Aquele que toca atabaque.

Figura 38 – Eu e o estudante Pedro Luiz



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Acredito que mesmo com a pouca resolução que a imagem está, é possível entender a grandiosidade dela. Em 2015, fui surpreendida com essa arte do Pedro Luiz, ele não tinha aula comigo, não éramos parceiros diretos de sala de aula. Nossos encontros se davam nos corredores da escola e nos momentos de intervalos, pois eu tinha a prática de lanchar junto com as alunas e alunos. Geralmente nesses momentos conversávamos sobre a vida, sonhos e desejos. Em uma conversa, Pedro Luiz disse que estava fazendo uma pintura inspirada em mim, que parecia comigo. Falei para ele me mostrar quando terminasse, eu pensei que fosse algo com tamanho menor. E em uma noite, ele surge na escola com uma tela. Por coincidência no mesmo dia desse registro, eu usava o turbante que ele reproduz na imagem.

“Ao olharmos e nos vermos, nós mulheres negras nos envolvemos em um processo por meio do qual enxergamos nossa história como contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro” (bell hooks)

Figura 39 - Eu andando pelo corredor das salas de aula da escola



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

Sempre que eu passava pelo corredor das salas de aula ouvia com uma certa frequência o meu nome ser chamado e na sequência a pergunta: você vai dar aula pra gente hoje? Por muito tempo essa pergunta me engrandecia e eu era tomada pela felicidade. Aos poucos notei uma aproximação de algumas alunas, em sua maioria negras e parte delas com cabelos alisados. O elogio sobre o meu cabelo era comum e foi durante essa construção de confiança que comecei o trabalho em enaltecer a beleza delas e que se tinham a vontade de assumir seus cabelos que o fizesse. Passei a ir com mais frequência com o meu cabelo solto para a escola, usava muitos turbantes e fazia questão de dizer o quanto eu amava meu cabelo. Foi através da relação com o cabelo que iniciei uma abordagem antirracista nas minhas aulas, percebi que nesse processo de identificação eu teria abertura para dialogar sobre as pautas da EREER+. Andar pelos corredores da escola passou a ser um movimento de resistência, pois não era simplesmente andar, era ser vista e ser referência. O relato abaixo da Larissa - que foi modelo da primeira edição da revista - durante a live de lançamento da terceira edição da Empoderar, exemplifica bem o processo de empoderamento e resistência.

No começo a gente sempre fica com um pouco de vergonha, o que é normal, mas pra mim foi muito bom ter tirado as fotos como uma autoaceitação mesmo. Eu acho que é muito importante esse trabalho nas escolas, dos professores né. Como a senhora ter verificado da gente não se aceitar e fazer esse trabalho pra gente vê como a gente é bonita, como a gente é empoderada e eu gostei bastante, foi muito legal.

Quando finalmente eu me entendo pertencente à escola, andando pelos corredores com meu cabelo solto ou o meu turbante, entendo a grandeza que são os encontros diários com cada turma. As cerca de quarenta pessoas que ocupavam os poucos metros quadrados cheios de mesas e cadeiras, era o meu momento de aprendizagem mais intenso. Na sala de aula, nessa grande cozinha, a gente compartilhava sonhos, histórias e medos. A gente compartilhava o desânimo, o sono e a alegria. Faço uma relação da sala de aula com a cozinha, pois nela existe uma organização que me chama atenção para as cozinhas de terreiro de candomblé e a cozinha da minha casa. Antes de eu começar a preparar sozinha os alimentos, eu precisei ver, ouvir e acompanhar a minha mãe frente ao fogão e aos poucos ela foi me dando tarefas para cumprir, como por exemplo, escolher o feijão, cortar um legume ou verdura. Nas cozinhas de terreiro, é a pessoa mais velha que lidera, aquela pessoa autorizada a estar ali e que aos poucos vai ensinando as pessoas mais novas, vai autorizando sua entrada e compartilhando segredos para que então a tradição se mantenha.

Da mesma maneira em que podemos estragar uma comida que está sendo preparada caso a gente exagere no sal ou na pimenta, por exemplo, podemos também “estragar” todo um processo de ensino e aprendizagem, assim como os pensamentos de quem nos ouve, de quem nos dedica uma atenção. É preciso ter cuidado com a quantidade e com o tempo, da mesma forma quando cozinhamos. É necessário que saibamos escolher bem os temas-ingredientes que serão ensinados e compartilhados em sala de aula. Nessa grande cozinha, serão acrescentadas falas, experiências e ideias, é preciso cuidado e atenção, para que o momento de ensino-partilha seja um momento de celebração e partilhamentos de vida. Considero a sala de aula como cozinha na perspectiva de lugar-afeto que substancia a pertença da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES: SENTIR-SE EM CASA

Com certeza você já chegou na casa de alguém e se sentiu com vergonha ou pouco à vontade no início. E deve ter percebido também, que a sensação de “estar em casa” geralmente acontece depois de um café e um bolo oferecido, depois de um almoço compartilhado ou um jantar feito. Você deve ter notado, que quando os alimentos estão sobre a mesa e começamos a comê-los, geralmente é nessa hora que surgem os compartilhamentos de lembranças, de histórias e de momentos íntimos da família ou de uma pessoa. E essas conversas se misturam com perguntas sobre a comida que foi feita, sobre o tempo de cozimento, quais temperos foram usados e os segredos podem ser desvendados. Nesses momentos também, ensinamos receitas de nossa família ou do lugar que nascemos.

Vá até a cozinha, feche os olhos e respire fundo. Permaneça por algum tempo nela, tente identificar os sons e os cheiros, depois coma o que estiver à sua disposição. Coma devagar, sinta cada pedaço do alimento, cada parte e deixe que ele entre pela sua boca e perceba o caminho que ele faz até chegar ao seu estômago. O corpo recebe essa energia, essa matéria que te sustentará por todo o dia, toda semana, todo mês e ano, por toda vida. Cada alimento que consumimos percorreu um caminho até chegar à nossa casa, à nossa cozinha e à nossa boca. Os caminhos possíveis que nos proporcionam experiências nunca antes imaginada. Através da comida, podemos visitar lugares que jamais estivemos. Quantos saberes a gente coloca dentro do nosso corpo ao nos alimentarmos?

Agora entre na sala de aula e olhe para todas as pessoas que ali estão, respire fundo e permaneça um tempo observando. Observe cada olhar, cada cabelo, cada cor, cada jeito de se vestir e falar. Cada estudante percorreu um caminho até chegar à sala de aula, caminharam por ruas, avenidas, vielas e becos. Algumas/alguns pegaram ônibus, andaram de bicicleta ou foram de carro. Quantas alunas e alunos sabemos de fato se tomaram café, almoçaram e jantaram antes de iniciar o trajeto até a escola? Mas a certeza que tenho é que nessa grande cozinha que se formou, muitas histórias se encontram, saboreie cada uma delas, atente-se a cada detalhe para então ser possível refazer o caminho e propor uma nova organização desse lugar-afeto. Aqui neste trabalho, compartilhei com vocês algumas relações que foram construídas dentro de dois espaços que eu chamo de *lugar-afeto*. A cozinha de casa também se apresenta na sala de aula.

Ao colocarmos nossa escuta em atenção, nós professoras e professores ganhamos de presente histórias. E é sobre a possibilidade de o ensino antirracista acontecer a

partir dessas histórias que eu trago a reflexão e a provocação para (re) pensarmos esse ensino, ampliando as possibilidades a partir das experiências que cada pessoa teve na cozinha. Ativar a escuta, é o exercício para a *escrivivência* que Conceição Evaristo nos ensina, abraçando todas as histórias de família e transformando-as em caminhos possíveis para uma educação antirracista da arte na escola pública. As histórias ouvidas, são memórias partilhadas que estão envolvidas em sentimentos e a partir deles, nos dispomos a um processo de criação. E esse processo pode nos levar a outras possibilidades de pensar e praticar o ensino da arte. A partir da escuta, mobilize os conteúdos e os métodos.

O *deslocar* de Pernambuco a São Paulo junto com a minha família foi importante para que eu aprendesse a escuta sincera e atenta nas histórias contadas por minha mãe e meu pai. Essas histórias foram e ainda são meus primeiros ensinamentos sobre arte, educação e resistência, por tudo isso compartilhei algumas dessas histórias aqui. As imagens que compartilhei neste trabalho, sinalizam caminhos para uma ampliação sobre as relações com a família e a história dela. Para além da lembrança, a imagem é a materialidade.

A sala de aula pode ser uma grande cozinha, proporcionando encontro de vidas, partilhas de histórias e vivências. Trazer as experiências da cozinha de casa para a sala de aula, é uma das possibilidades de pensar e fazer do ensino da arte um ensino antirracista. O que eu aponto principalmente com as imagens do quilombo e da minha mãe, é que a abordagem antirracista da arte na escola pública pode começar com as narrativas da família, onde geralmente acontecem na cozinha. É possível que a educação antirracista, seja pensada e organizada a partir desse lugar-afeto. Tenho consciência das lacunas que ficaram aqui nesse trabalho, como por exemplo, repensar o antirracismo a partir da presença dos povos originários e também a evasão escolar de estudantes negras, negros e negres. Refazer o caminho está relacionado a formação de professoras e professores, para que haja de fato a ampliação das abordagens acerca da ERER+. É fundamental que exista uma disposição das instituições de ensino e também dos/das profissionais da educação para que estejam de fato presentes nas ações pedagógicas e formação contínua de cada docente. A minha experiência em escola pública, que vai da sala de aula a gestão, possibilita identificar com mais propriedade os desafios enfrentados no cotidiano, pois vão desde a falta de formação até a ausência de estrutura, que se encontram com os discursos do “não saber fazer” como justificativa para se ausentar do ensino.

Nesse sentido não poderia a sala docente, principalmente nas ATPCs, ser também uma cozinha, ou melhor, um *lugar-afeto*, criando assim um espaço de aprendizagem antirracista entre o corpo docente, estimulando as ações dos mesmos na efetivação da ERER+?

Apresentei as ações com a Revista Empoderar como forma de evidenciar a possibilidade de discutir e ensinar sobre educação para as relações étnico-raciais, assim como cumprir com as demandas das leis 10.639-03 e 11.645-08. Apontei as relações que foram construídas com estudantes, assim como poesias que compuseram as edições da revista, textos, entrevistas e ações na comunidade escolar. Esta ação é um exemplo de práticas construídas a partir da escuta das alunas e alunos e professoras e professores. Eu trouxe experiências e reflexões sobre como sentir-se parte de uma escola, falando a partir do lugar da sala de aula e da coordenação pedagógica. Além disso, apresentei imagens que evidenciam a importância do trabalho envolvendo a EREER+ com estudantes que foram parceiras e parceiros em ensaios fotográficos, apresentação de dança e em diversas expressões artísticas.

Refazer o caminho é se encontrar com flexibilidade do que as histórias compartilhadas em sala de aula podem oferecer. É entender que o assunto já está apresentado – nas narrativas que cada pessoa pode compartilhar - e que é importante identifica-lo para que se torne objeto do conhecimento. Isso vai exigir disposição e uma escuta atenta e sincera, para que então a professora e o professor se alimentem dessas narrativas e possam transformá-las. Afinal, se ver como parte a história é poderoso.

Figura 40 - Estandarte exposto na sede da Associação Quilombola de Siqueira



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

REFERÊNCIAS – QUEM ME SUSTENTA

SANTOS, Marília. **A La Ursa quer dinheiro, quem não dá é pirangueiro”: transformações no carnaval das La Ursas em São Caitano**. ORFEU, v.6, n. 1, abril de 2021 p. 44 de 44.

ANGELOU, Maya. **Carta a minha filha** - Rio de Janeiro: Editora Agir, 2019.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil** - São Paulo: Editora Perspectiva, 2012.

_____. Ana Mae. **Memória e História** - São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

BRITO, Deise de. **Casamento de preto: Um estudo a respeito do corpo negro a partir de Josephine Baker e Grande Otelo**. Tese de doutorado do PPG IA/Unesp - São Paulo, 2019.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas**. In: Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp.240-255, Jul/Dez 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivos de Racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2023.

CASTRO, Nitiren Queiroz. **Pelos Olhos do Jaguar** - São Paulo: Editora Urutau, 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro** - São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

Documentário sobre a La Ursa da Comunidade Quilombola Engenho de Siqueira: **Brinca mais eu** – disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gka6C7O9NA>

Escritoras de cadernos negros: contos e poemas afro-brasileiros / Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa, organizadores. - São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 2019.

EVARISTO, Conceição. **Histórias de leves enganos e parecenças** - Rio de Janeiro: Editora Malê, 2017.

_____. Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres** - Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.

_____. Conceição. **Ponciá Vicêncio** - Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.

FELINTO, Renata Aparecida Felinto dos. **A pálida História das Artes Visuais no Brasil: onde estamos negras e negros?** Revista GEARTE, Porto Alegre, v.6, n.2, p.341-368, maio/ago. 2019.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, Raça e Gênero: Relações Imersas na Alteridade** – 1996 Recebido para publicação em setembro de 1996. Este artigo foi apresentado no GT “Gênero e Raça”, XX Reunião Brasileira de Antropologia e I Conferência: Relações Étnicas e Raciais na América Latina e Caribe, em abril de 1996.

_____. Nilma Lino. **Diversidade Étnico-Racial: Por um projeto educativo emancipatório**. In: Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 95-108, jan./dez. 2008.

_____. Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação** – Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos** / organização Flavia Rios, Márcia Lima. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HISSA, Cássio E. Viana. **Entrenotas: Compreensões de pesquisa**. [online]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. Humanitas series. ISBN: 978-85-423-0291-2. Available from: doi: 10.74 76/9788542302912.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: Pedagogia como prática da liberdade** - Editora Martins Fontes, 2018.

_____. Bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança** - São Paulo: Editora Elefante, 2021.

_____. Bell. **Olhares negros: raça e representação** - São Paulo: Editora Elefante, 2019.

_____. Bell. **Analisando o nosso cabelo** - Revista Gazeta de Cuba, 2005. Tradução de Lia Maria dos Santos. Disponível em www.coletivomarias.blogspot.com

MIRANDA, Eduardo O. **Corpo-território e Educação Decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência** - Salvador: Editora Edufba, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma História feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos** / Beatriz Nascimento; organização Alex Ratts - 1ª edição - Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.

PETIT, Sandra Haydée. **Práticas pedagógicas para a lei nº 10.639/03: A criação de nova abordagem de formação na perspectiva das africanidades**. Educ.Foco: Juiz de Fora. V.21, n3, p.657-684, set/dez. 2016.

_____. Sandra Haydée. **Indo ao Encontro do Berço: Breve Relato sobre Enraizamentos, Ausências e Necessidade das Pedagogias Afrorreferenciadas**. In: Revista da Biblioteca Mario de Andrade. v. 75, p. 33-54, jan. /dez. 2021.

RAQUEL, Denise. **Escrever é uma maneira de sangrar: estilhaços, sombras, fardos e espasmos autoetnográficos de uma professora performer**. Tese de doutorado do PPG IA/UNESP - São Paulo, 2019.

REVISTA EMPODERAR.

Edição 1: https://issuu.com/revistaempoderar/docs/revista_empoderar_n01

Edição 2: https://issuu.com/revistaempoderar/docs/revista_empoderar_2018_final_1

Edição 3: https://issuu.com/revistaempoderar/docs/revista_2019_final_3

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas** - Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** - 4ª edição. 6.reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. - (Coleção Milton Santos;1)

SANTOS, R.; FERREIRA, J. F. de S.; SILVA, G. S. **Pode uma mulher negra existir? Histórias para gente disposta**. Revista Apotheke, Florianópolis, v. 7, n. 3, 2022. DOI: 10.5965/24471267732021082. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/21124>. Acesso em: 21 fev. 2023.